

Relatório de estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sobre a orientação científica da Mestre Maria da Graça da Silveira Filipe e orientação na entidade onde decorreu o estágio da Dra. Francisca Ramos.

Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras) - Reflexões sobre o trabalho em museu

Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras) – Thoughts on museum work

Ana Catarina Ferreira

Resumo

Palavras-chave: Museu Municipal Leonel Trindade, comunicação, exposição, mediação, património, serviço educativo

Este relatório pretende reflectir sobre o trabalho de estágio no Museu Municipal Leonel Trindade. Elabora-se a uma caracterização da instituição, incluindo um enquadramento histórico, a sua programação - vocação, missão e objectivos, tutela do Museu, gestão museológica e breve caracterização do seu acervo. Pretende-se elaborar uma reflexão sobre a área funcional da comunicação, analisando a comunicação expositiva e a mediação de património através do MMLT, abordando também questões como os públicos e o serviço educativo.

Abstract

Keywords: Museu Municipal Leonel Trindade, communication, exhibition, mediation, heritage, educational services

This report intends to make a reflection about an internship at Museu Municipal Leonel Trindade. A characterization of the institution is made, including its historical background, its programming - vocation, mission and objectives, the museum trusteeship and management and also a brief description of its collection. It aims to develop a reflection about the functional area of communication, making an analysis to the exhibition communication and to the mediation of heritage made by MMLT, making also an approach to the public and the educational service.

Índice

1 – Introdução	5
2 – Museu Municipal Leonel Trindade: contributos para uma caracterização da instituição museal	7
2.1. Enquadramento histórico do Museu	7
2.2. Actual enquadramento programático do Museu: vocação, missão e objectivos	11
2.3. Tutela do Museu e gestão museológica	14
2.4. Breve caracterização do acervo do Museu	18
3 – Comunicação expositiva e mediação de património através do MMLT	21
3.1. Comunicação e mediação em contexto museal – enquadramento teórico	21
3.1.1. Comunicação	21
3.1.2. Mediação	24
3.1.3. Museus e educação	25
3.1.4. Públicos	28
3.2. Enquadramento da comunicação expositiva do MMLT: Exposições Permanentes e Temporárias	30
3.2.1. Exposição permanente	31
3.2.2. Exposições temporárias	33
3.3. Públicos do MMLT	36
3.4. Serviço educativo	39
3.5. Uma análise à comunicação expositiva permanente	51
3.6. Mediação de património através do MMLT	62
4 – Conclusão	67
Fontes e referências bibliográficas	70
Anexos	I
Apêndices	XIV

Lista de abreviaturas

CMTV – Câmara Municipal de Torres Vedras

DGPC – Direcção-Geral do Património Cultural

ICOM – International Council of Museums

MMLT – Museu Municipal Leonel Trindade

RHLT – Rota Histórica das Linhas de Torres

SE – Serviço Educativo

1 – Introdução

O presente relatório de estágio integra-se na componente não-lectiva do mestrado em Museologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. A realização do meu estágio visou, segundo o Regulamento interno da componente não-lectiva desta Faculdade para a modalidade de estágio com relatório, “garantir (...) o desempenho de funções de carácter profissional relevante para a instituição de acolhimento e que envolvam a aplicação prática de conhecimentos teóricos e práticos adquiridos na parte curricular do curso de mestrado.”

Deste modo, o estágio decorreu numa instituição pública, o Museu Municipal Leonel Trindade, tutelado pela Câmara Municipal de Torres Vedras, tendo sido estabelecido um protocolo com a FCSH para esse fim. Teve a duração de 800 horas de trabalho, que foram cumpridas de Outubro de 2015 a Maio de 2016.

Devido a um interesse pessoal, pretendia-se que as funções desempenhadas fossem realizadas maioritariamente na área funcional da comunicação. Essa intenção traduziu-se no acompanhamento mais de perto das actividades do Serviço Educativo do Museu e, conseqüentemente, na integração da sua equipa, serviço este directamente relacionado com a transmissão e comunicação dos conteúdos produzidos ou seleccionados através da programação do MMLT aos seus diversos públicos.

Neste relatório, procurou-se aplicar conhecimentos adquiridos na parte curricular do mestrado, nomeadamente na vertente de gestão e programação museológica e na vertente de mediação e educação.

Seguindo as indicações regulamentares no que diz respeito ao conteúdo do relatório, procedeu-se, em primeiro lugar, à caracterização da instituição onde se realizou o estágio. Assim, elaborou-se um enquadramento histórico do MMLT, incidindo sobre questões relacionadas com a sua programação como a vocação, a missão e os objectivos, sobre questões de tutela do Museu e gestão museológica, bem como uma breve caracterização do seu acervo.

Uma vez que o estágio incidiu maioritariamente na área funcional da comunicação, tornou-se relevante reflectir e analisar a comunicação expositiva e a

mediação de património através do MMLT. Deste modo, partiu-se de um enquadramento teórico sobre as temáticas de comunicação e mediação para de seguida analisar o contexto da comunicação expositiva do Museu, nomeadamente através das suas exposições permanentes e temporárias. Directamente relacionadas com esta temática foram igualmente abordadas outras questões como os públicos do MMLT e o serviço educativo. Foi exactamente no ponto dedicado ao SE que se procurou reflectir sobre os trabalhos acompanhados e as tarefas desenvolvidas durante o período de estágio. Foi também elaborada uma análise mais detalhada sobre a comunicação expositiva da exposição permanente.

No que diz respeito às fontes consultadas recorreu-se maioritariamente às disponibilizadas pelo Centro de documentação do MMLT e pelo seu Arquivo, tendo sido também prontamente disponibilizados e consultados documentos relacionados com a gestão do MMLT (como relatórios, regulamentos, estatísticas).

O presente relatório baseia-se em grande parte no acompanhamento do trabalho do MMLT – percepção do funcionamento diário da instituição, a sua relação com o público, os serviços que oferece, as exposições permanentes e temporárias, a interpretação e a comunicação de património *in situ*, entre outros aspectos.

Para a realização das análises, em particular à comunicação expositiva, foi essencial a observação durante o período de estágio.

Para a elaboração do enquadramento teórico, foi essencial a consulta e leitura de bibliografia sobre museologia, em particular sobre comunicação e mediação em museus, e também, sobre museus e paisagem cultural. Pretendi deste modo, proceder à consolidação de conceitos, fundamentar a minha análise e conferir coerência às ideias apresentadas ao longo do meu relatório, em especial no capítulo 3.

Após este primeiro capítulo de introdução, o presente relatório de estágio prossegue, num segundo capítulo, com uma tentativa de caracterização da instituição museal e, num terceiro capítulo, com o enquadramento e a análise da comunicação expositiva e a mediação de património através do MMLT. Termina-se com um breve capítulo de conclusões, destinado às reflexões finais.

Ao longo do texto são feitas remissões para os apêndices e anexos presentes na parte final do relatório, organizados segundo a ordem de remissão ao longo dos capítulos 2 e 3.

As referências bibliográficas seguem o estilo da *American Psychological Association* (APA), ou seja, o sistema Autor-Data.

O texto do relatório não se rege pelo Novo Acordo Ortográfico.

2 – Museu Municipal Leonel Trindade: contributos para uma caracterização da instituição museal

2.1. Enquadramento histórico do Museu

O início do século XX é caracterizado por uma nova conjuntura política em Portugal – fim do regime monárquico e consequente Implantação da República em 1910. Na então vila de Torres Vedras, deixando transparecer o espírito de mudança que o novo regime desejava ver realizado, assiste-se à mudança de toponímia na vila (Largo D. Carlos I para Largo da República, por exemplo). Já em 1926 um golpe de estado põe fim à I República e abre caminho à implantação do Estado Novo.

A Iª República apoia a criação de museus regionais como forma de servir a instrução do povo e facilitar o desenvolvimento local, sendo estes espaços que reuniam uma selecção da variedade e da riqueza regionais. Pretendendo valorizar os recursos de cada região, a sua criação era consequência de um movimento de oposição ao Estado central, caracterizado por um grande sentimento regionalista. (Carneiro, 1997)

É perante este contexto histórico-cultural que nos anos 1920, um grupo de cidadãos reclama insistentemente a criação de um museu municipal em Torres Vedras. Ainda no ano de 1926, uma acta de 20 de Janeiro da Câmara Municipal propõe a criação de um Museu Municipal, devendo para tal ser encontrada uma sede apropriada. Dois anos depois, é rejeitada a proposta de instalar o Museu em imóveis da Irmandade de Santa Cruz, por não ter muito espaço nem condições. Assim, um grupo de cidadãos, entre os quais Rafael Salinas Calado, Júlio Vieira, Mário Galvão, José Alberto de Bastos e o escritor Jaime Batalha Reis, foram consultados para dar a sua opinião sobre o melhor

local para sediar o museu. O processo de constituição do Museu foi algo demorado, tendo sido iniciado durante a Iª República e concluído no período inicial do Estado Novo.

É então inaugurado o Museu de Torres Vedras a 28 de Julho de 1929, na pequena sala da Irmandade dos Clérigos Pobres, anexa à Igreja de S. Pedro, no centro da vila. (Júnior & Luna, 1990, pp. 38-42) A sua fundação é confirmada por um Regulamento aprovado em sessão camarária de 21 de Junho de 1929 que definia: “Artigo 1º É organizado na Vila de Torres Vedras um Museu, pertença da Câmara Municipal, denominado Museu Municipal de Torres Vedras.” Este documento definia onde seria instalado o museu, a direcção (que não teria direito a qualquer remuneração); o registo dos objectos expostos num livro próprio, com o nome dos proprietários, a quem seria entregue um recibo comprovativo e aos quais não seria cobrada entrada; a guarda e limpeza; as competências do director do museu; os objectos expostos (identificados com uma etiqueta com número de ordem, o seu valor e relação com a vida e história do concelho); disposições diversas (receita do museu que seria destinada a melhoramentos), a abertura, escrituração e fiscalização (horário de funcionamento, custo do ingresso, catálogo do museu existente em duplicado). Foi seu fundador e primeiro director o Dr. Rafael Salinas Calado¹, o qual relata exactamente esse acontecimento no seu livro *Memórias de um Ferro Velho*:

“O Museu das belas realidades e prometedoras esperanças, foi instalado na graciosíssima sala da Irmandade dos Clérigos Pobres, arranjo formosíssimo do século XVIII, com o seu altar silhar de azulejos e o tecto de maceira, de talha dourada, formando cúpula com as telas representando os quatro evangelistas, da autoria de Bernardo António de Oliveira Góis. Reunira ali, devotamente, num apostolado cheio de sinceridade, tudo o que generosamente lhe cederam o digníssimo prior padre Pio Sobreiro, a Câmara Municipal, os particulares, e aquilo que ele próprio possuía de mais precioso, tentando assim demonstrar o respeito e apreço que se devia dedicar àquilo que representasse o valor artístico ou histórico dos tempos passados”. (Calado, 1947, p.17)

¹ (1893-1962) Estudioso de arte e colecionador, figura respeitada pela sua intervenção na sociedade local.

A criação deste museu teve por base a reunião de um conjunto heterogéneo de peças, representativas da importância histórica e artística de Torres Vedras, com recurso a depósitos temporários feitos pelas paróquias da cidade e por alguns particulares. Fruto do gosto pessoal do seu primeiro director, foi nesta primeira fase essencialmente um museu de arte.

Com o afastamento do Dr. Salinas Calado, por motivos de saúde, sucedeu-lhe na direcção do museu, em 1932, o Dr. Aurélio Ricardo Belo², tendo como adjunto Leonel Trindade. Considerados pioneiros da arqueologia portuguesa, procederam a inúmeras escavações e recolhas de campo, como as da Cova da Moura, Fórnea, entre outras. Entre 1932 e 1946, são descobertos e escavados os mais importantes sítios arqueológicos ainda hoje conhecidos no concelho. Estas fizeram aumentar notavelmente o espólio do museu e com este aumento de objectos a expor as instalações do Museu começaram a revelar-se limitadas. (Júnior & Luna, 1990, p.39)

Assim, em 1944, o Museu foi transferido, juntamente com a Biblioteca Municipal, para o edifício da antiga sede da Santa Casa da Misericórdia, aumentando consideravelmente a área de exposição. Em 1946, Augusto Maria Lopes da Cunha assumiu o cargo de director da Biblioteca e do Museu, tendo ocupado o cargo durante 21 anos. Em 1970, dá-se a passagem da Biblioteca Municipal para instalações próprias, ficando o Museu a dispor de sete salas no andar superior do mesmo edifício, uma sala no andar térreo e um pátio.

A partir de 1969 é director do Museu o arqueólogo Leonel Trindade. A instalação do acervo em exposição baseou-se numa organização por núcleos temáticos, sem ligação entre si. À sala de Arqueologia seguiam-se as salas com exposições sobre as Guerras Peninsulares, a Santa Casa da Misericórdia, os Primitivos Portugueses, a Azulejaria, o Município e a Epigrafia. “Seguindo correntes que, na época, nortearam a montagem dos melhores museus do país, o seu director procurou expor a totalidade do espólio do Museu, dando a primazia ao valor do objecto em si.” (Júnior & Luna, 1990) O Museu começou a estar mais focado na investigação científica, promovendo e

² (1877-1961) Médico e Arqueólogo.

desenvolvendo estudos no campo da Arqueologia, através de colaborações com organismos culturais do país e universidades e institutos de investigação estrangeiros. Merece particular referência a colaboração com o Instituto Arqueológico Alemão. Destas cooperações resultaram estudos pioneiros para a arqueologia mundial, de destacar: os estudos de flora, fauna, indústria lítica e óssea, cerâmica e antropologia física do Castro do Zambujal, epigrafia romana e medieval, entre outros. As investigações e os estudos referidos são maioritariamente da autoria de Leonel Trindade e Aurélio Ricardo Belo. Exemplo do trabalho de investigação desenvolvido em torno do Museu é a primeira edição das Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras realizadas em 1987. Ao longo dos anos, o Museu foi aumentando e diversificando o seu espólio, merecendo destaque a colecção de Arqueologia, resultado do desenvolvimento da investigação arqueológica local, que contribuiu para a projecção do Museu a nível nacional e internacional.

Desde 1992 o Museu está instalado no Convento de Nossa Senhora da Graça³ no centro da cidade de Torres Vedras, sendo que o conjunto formado pela igreja e convento encontra-se classificado como Imóvel de Interesse Público.

Esta reinstalação justificou-se pelo facto do Museu já não poder albergar, em condições mínimas de segurança, todo o seu espólio, não o poder expor segundo novas concepções museológicas e também devido à degradação em que se encontravam as instalações. O projecto de reinstalação do Museu Municipal foi elaborado por dois técnicos da instituição, Leonel Trindade Júnior e Isabel de Luna. No novo Museu, a exposição seguia um desenvolvimento cronológico, baseado na riqueza cultural do concelho, e procurava uma ligação mais íntima entre a população e a sua herança cultural. Pretendia-se que a exposição fosse concebida de forma didáctica, acessível aos jovens em idade escolar e a todo o público, sem desprezar o rigor científico. Procurava-se oferecer ao público um ambiente propício ao estudo e ao lazer. O projecto apontava

³ A construção original do Convento data do século XVI, tendo sido mandado construir pelos frades eremitas calçados de Santo Agostinho. É de destacar o claustro que preserva azulejos do século XVIII ilustrando a vida de Frei Aleixo de Menezes, prior dos Agostinhos. Na Igreja da Graça dá-se especial atenção à talha dourada, às imagens barrocas do século XVII e ao túmulo de São Gonçalo de Lagos, padroeiro de Torres Vedras. Em 1834, com a extinção das Ordens Religiosas, a igreja foi doada à Irmandade do Senhor dos Passos, sendo o extinto convento adquirido pela Câmara Municipal, em 1887, para nele instalar diversos serviços.

ainda um espaço para realização de exposições temporárias, um centro de investigação permanente, procurando o Museu constituir-se como um instrumento de educação e cultura e promovendo programas de animação cultural.⁴

Data também de 1992 o regulamento interno do MMLT, intitulado *Normas Internas*, de que se destacam os principais pontos abordados: natureza, competência genérica, estruturação (orgânica), atribuições específicas (de cada área de actuação do museu), espólio (o que dará entrada no museu, política de incorporações), horários, entrada e funcionamento. Está actualmente a ser desenvolvida uma actualização a este documento.

Em 1997, a Câmara Municipal deliberou atribuir o nome de Leonel Trindade⁵ ao Museu, passando assim a denominar-se Museu Municipal Leonel Trindade.

O MMLT deu início ao processo de candidatura à Rede Portuguesa de Museus no ano de 2001, integrando a Rede desde esse ano. Depois dessa adesão, o Museu candidatou-se ao programa de apoio à qualificação de museus, tendo beneficiado de financiamento em diversas áreas.⁶

2.2. Actual enquadramento programático do Museu: vocação, missão e objectivos

Como referido no ponto anterior, o documento *Normas Internas* é o regulamento interno que vigora desde 1992 no MMLT. Sendo o documento que rege a actividade do Museu, será importante atentar no primeiro ponto onde é definida a sua natureza.

⁴ Júnior, Leonel Trindade e Isabel de Luna. (1992). *Museu Municipal de Torres Vedras – Projecto de reinstalação*, Sector da cultura da Câmara Municipal de Torres Vedras, 41

⁵ (1903-1992) Nasceu em Torres Vedras no ano de 1903, comerciante de profissão, viria a dedicar-se à Arqueologia, colaborando desde 1932, com o recém-fundado Museu Municipal. Em 1934 foi nomeado director adjunto e, em 1969, assumiu a sua direcção, tendo ocupado o cargo, de forma regular, até 1987, data a partir da qual a idade e a doença o obrigaram a um afastamento gradual. Em 1997, cinco anos após a sua morte, a CMTV viria a atribuir o seu nome ao Museu, ao qual dedicou toda a sua vida. Ao longo de cinquenta anos realizou explorações arqueológicas, de forma sistemática, no concelho de Torres Vedras, tendo descoberto 80 jazidas, das quais se destaca o Castro do Zambujal. Em 1987, na abertura das I Jornadas Arqueológicas de Torres Vedras, é homenageado pela Câmara Municipal, sendo-lhe entregue a Medalha de Mérito Municipal – grau ouro.

⁶ É de referir que, até ao presente ano, não existe uma publicação que aborde exclusivamente a história do MMLT.

Ver apêndice 2 – Quadro-síntese da cronologia da história do MMLT.

Primeiramente, é de notar que as *Normas Internas* foram redigidas anteriormente à publicação da Lei-quadro dos Museus Portugueses – Lei nº47/2004, mas no que respeita à definição do conceito de museu já vai de encontro ao que era, à data da sua redacção, a definição apresentada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM).

No ponto intitulado “Natureza” é apresentada uma definição do que será um Museu Municipal, tendo sido definida com base nos Decretos-Lei nº45/80 de 8 de Março e 278/9, de 9 de Agosto:

“Museu Municipal é uma instituição permanente, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, sem fins lucrativos e aberto ao público, que faz investigação sobre os testemunhos materiais do homem e do seu meio-ambiente, ao mesmo tempo que os adquire, conserva e muito especialmente expõe para fins de estudo, educação e recreio.”

São evidentes as semelhanças da definição de Museu Municipal com a definição geral de museu em vigor até 1974 nos Estatutos do ICOM e que terá certamente servido de base à definição apresentada nas *Normas Internas*.

“O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, e que realiza pesquisas sobre os testemunhos materiais do homem e seu meio, que ele adquire, conserva, investiga, comunica e expõe, com fins de estudo, educação e deleite” (Estatutos de 1974).

Apesar de ter sido redigida com base numa definição anterior, que já foi actualizada em 2007 pelo ICOM, e não ser revista desde 1992, muitos dos pontos abordados continuam a ser comuns com a definição que vigora actualmente. A diferença mais evidente será a não referencia ao património imaterial.

São também definidas no mesmo documento as atribuições específicas de cada área de actuação do Museu, correspondentes às funções museológicas enunciadas na sua missão, entre elas: Serviço de conservação e restauro; Serviço de inventariação e classificação; Exposição permanente; Centro de documentação e divulgação; Serviço de

Arqueologia; Serviço educativo; Animação e extensão cultural; Apoio administrativo; Recepção e vigilância; Limpeza.⁷

O Museu Municipal Leonel Trindade assume-se como um “Museu de Arqueologia e História, destinado ao estudo das origens e evolução histórica do Homem no Concelho de Torres Vedras, através da recolha, estudo e exposição de objectos arqueológicos, históricos, etnográficos e artísticos.” (Museu Municipal de Torres Vedras - Normas internas, 1992)⁸ O Museu tem como missão a interpretação, preservação e divulgação do passado, das vivências e tradições locais, aliadas a uma componente educativa e de lazer, para fruição das gerações do presente e do futuro.⁹

O Museu pretende ser uma instituição activa na procura, recolha, documentação e preservação da História de Torres Vedras, bem como no registo e difusão do seu património e memórias. Este objectivo é alcançado na exposição permanente do Museu e em exposições temporárias, organizadas em sintonia com outras actividades.

Os principais objectivos definidos pelo Museu são:

- “Contribuir para o estudo das origens e evolução histórica do Homem na região, através da recolha, estudo e exposição de objetos arqueológicos, históricos, etnográficos e artísticos. Por região entende-se a área do Município de Torres Vedras e zonas circundantes inerentes à identidade do concelho;
- Fomentar o estudo, a preservação e a divulgação do património histórico do concelho, móvel e imóvel, enquanto fonte de conhecimento da cultura local e regional;
- Preservar o carácter arqueológico do Museu, mantendo o apoio e incentivo à investigação, e posterior conservação e divulgação do espólio daí recolhido;
- Promover o Museu enquanto espaço físico que permite o registo e relato da História de Torres Vedras;

⁷ Ver Anexo 1 – Quadro-resumo com correspondência entre áreas de actuação e função museológica.

⁸ “Natureza” in *Museu Municipal de Torres Vedras - Normas internas*, aprovado em reunião de executivo camarário em 24 de Julho de 1992 e pela Assembleia em 28 de Setembro de 1992.

⁹ Fonte: sítio CMTV - <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/historia-do-museu/>
Os objectivos enumerados não se encontram nas *Normas Internas*, mas integram o novo regulamento, em desenvolvimento.

- Assegurar a preservação do património cultural – material e imaterial – da região, através da recolha, conservação, inventariação e investigação de bens culturais, sejam eles objectos, documentos ou memórias colectivas;
- Zelar pela segurança e conservação das suas colecções;
- Procurar e arquivar testemunhos que documentem as tradições e memórias vivas locais/regionais;
- Inserir a comunidade nas actividades do Museu;
- Criar um sistema de apoio e mecenato às actividades do Museu (angariação de fundos junto de instituições locais, desenvolvimento de acções promocionais, entre outras);
- Desenvolver acções que promovam o Museu enquanto espaço de conhecimento, de transmissão de história(s), vivências e sabedoria;
- Providenciar ao visitante um momento gratificante – educativo e de lazer.”¹⁰

Uma vez que o presente relatório pretende focar a área funcional da comunicação do MMLT, será essencial analisar a sua missão e objectivos, tendo esse aspecto em consideração. Neste sentido, será relevante destacar a referência à componente educativa e de lazer, a difusão¹¹ (do património), que se propõe ser atingida através da exposição permanente e das exposições temporárias, bem como com a realização de outras actividades. É recorrente a referência à divulgação (do património, do espólio) e, sendo um museu municipal, surge a intenção de inserir a comunidade na sua programação.

2.3. Tutela do Museu e gestão museológica

O MMLT é um museu de tutela autárquica, organicamente afecto à Divisão de Cultura, Património Cultural e Turismo e inserido na Área de Museus. Reporta à Vereadora do Desenvolvimento Social, Cultura, Património Cultural e Turismo e ao Chefe de Divisão, conforme definido em organograma publicado em *Diário da República*.¹²

¹⁰ Fonte: sítio da CMTV - <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/enquadramento-museu/>

¹¹ Um enquadramento teórico sobre estes conceitos será elaborada no capítulo seguinte do presente relatório.

¹² Artigo 91º, *Diário da República*, 2.ª série – Nº 95 – 19 de maio de 2014.

As competências da Área de Museus, e portanto também do próprio museu, estão definidas em Despacho da CMTV de 2014,¹³ de que se destacam:

- Estudo, preservação e divulgação do património histórico do concelho;
- Promoção do MMLT enquanto espaço físico que permite o registo e relato da História de Torres Vedras;
- Recolha, conservação, inventariação e investigação de bens culturais;
- Inserção das actividades do museu na comunidade;
- Organização de visitas guiadas ao património cultural da cidade e do concelho;
- Dinamização de actividades educativas, através de programas dirigidos à comunidade, que promovam o conhecimento do espólio do MMLT e do património cultural do concelho.

Como é perceptível pelas competências que lhe são atribuídas, o trabalho museológico do MMLT não se limita apenas ao seu património incorporado, uma vez que também existem outros recursos e patrimónios que o Museu integra na sua programação, em vários domínios funcionais. Desta forma, é responsável por outro património histórico-cultural do concelho, nomeadamente no que diz respeito à investigação, monitorização, preservação, divulgação, organização de visitas guiadas e dinamização de actividades de serviço educativo. Esta questão é particularmente evidente em relação aos dois núcleos museológicos do MMLT – exposição da Azenha de Santa Cruz e exposição do Centro Interpretativo do Castelo – caracterizando desta forma o Museu como polinucleado. Este aspecto é relevante para perceber a vocação territorial do Museu e a sua composição polinucleada. No que diz respeito à gestão dos sítios e patrimónios, o MMLT partilha essa gestão com outro serviço municipal, a Área de Turismo, pertencente também à Divisão de Cultura, Património Cultural e Turismo.

Destacam-se em seguida alguns exemplos do património anteriormente referido¹⁴:

- **Castelo e centro interpretativo** – Castelo (imóvel de interesse público) de existência anterior à reconquista cristã, foi munido com peças de artilharia, no período da 3ª

¹³ Artigo 56º, *Diário da República*, 2.ª série – Nº 95 – 19 de maio de 2014.

¹⁴ Anexo 2 e 3 – planta de localização do património referido.

invasão, e em 1846 serviu de quartel às tropas de Bonfim. O centro interpretativo do castelo disponibiliza uma zona de acolhimento/informação ao visitante, loja e uma exposição composta por quatro núcleos, que interpreta e divulga informação sobre o conjunto edificado, expõe objectos representativos das suas distintas vivências históricas, fornecendo ao público os instrumentos que lhe permitam explorar, interpretar e fruir autonomamente do monumento.

- **Centro histórico** – Inclui locais e património histórico-cultural de interesse, nomeadamente a Igreja de São Pedro (monumento nacional), o Chafariz dos Canos (monumento nacional), a Igreja de Santa Maria do Castelo, o Castelo e o Palácio dos Alcaides.

- **Forte de S. Vicente** (Imóvel de Interesse Público desde 1967) – Construído em 1809, um dos fortes mais importantes e de maior dimensão do sistema defensivo das Linhas de Torres Vedras. Posteriormente, em 1846, durante as guerras liberais foi ocupado pelo exército do Conde de Bonfim.

- **Azenha de Santa Cruz** – Situada junto à praia com o mesmo nome, foi edificada no século XVI e laborou até meados do século XX. Para além do valor histórico e das particularidades arquitectónicas, esta representa também um importante testemunho social, económico e cultural da região. Actualmente, a Azenha reúne um conjunto de valências, nomeadamente um Centro Interpretativo que conta a história do edifício, da moagem do cereal e do fabrico do pão e um Posto de Turismo.

- **Castro do Zambujal** (monumento nacional) – Um povoado fortificado do Calcolítico (3º milénio a.C.), situado num esporão na margem direita da Ribeira de Pedrulhos, afluente do rio Sizandro. Descoberto em 1938 pelo arqueólogo Leonel Trindade constitui um dos mais complexos povoados fortificados pré-históricos existentes na Península Ibérica.

Em relação à gestão patrimonial, nomeadamente do património imóvel mencionado, e tendo este um carácter municipal, será importante referir que a Câmara Municipal possui um Regulamento de inventário e cadastro do património municipal, que estabelece os princípios gerais de inventariação, aquisição, registo, afectação, seguros, valorimetria e gestão dos bens móveis e imóveis do município, inventariação de direitos e obrigações, assim como as competências e obrigações dos diversos serviços municipais envolvidos na prossecução destes objectivos. Neste documento estão

contempladas as competências da Secção de Património da CMTV (como o inventário ou a verificação da sua preservação, por exemplo). Em relação às competências de outros serviços municipais, como o Museu, é referido no Artigo 11º - “Biblioteca, museu e arquivo municipal - efectuar o inventário directo dos bens à sua guarda e fornecer o respectivo resumo à Secção de Património.”

Crucial para a questão do património é o Plano Director Municipal de Torres Vedras, nomeadamente o capítulo referente aos elementos do Património Natural, Arqueológico e Arquitectónico (capítulo IV). Este, publicado em *Diário da República*, 2.ª série — N.º 15 — 22 de janeiro de 2014, inclui também o inventário municipal do património (inclui património arquitectónico e arqueológico, referindo os elementos classificados e outros elementos a proteger).

O orçamento do Museu está habitualmente inserido no orçamento anual municipal.¹⁵

Merecerá destaque a cooperação entre serviços municipais, como por exemplo, na montagem de exposições, em trabalhos de pintura, de carpintaria, de instalações eléctricas, entre outros aspectos. Deste modo, não há, normalmente, necessidade de contratar serviços externos. Existe portanto, uma articulação entre serviços municipais, que utilizam recursos financeiros e técnicos do município, geridos por um orçamento público comum.

O mapa de pessoal do Município afecta ao Museu 12 postos de trabalho sendo composto da seguinte forma: 5 técnicos superiores (incluindo 1 técnico superior responsável pela coordenação da área de museus, 1 técnico de conservação e restauro, 1 técnico de serviço educativo, 1 técnico superior de Arqueologia, 1 técnico responsável pelo centro de documentação), 1 técnico superior (com contrato de avença), 3 assistentes técnicos e 3 assistentes operacionais. Uma vez que o museu é credenciado (Rede Portuguesa de Museus) e face ao estipulado na Lei-Quadro dos Museus, o responsável, equivalente ao director de museu/responsável técnico, será o chefe de divisão; o Regulamento de Organização dos Serviços Municipais da Câmara Municipal

¹⁵ Anexo 4 e 5 – Grandes Opções do Plano CMTV 2015

de Torres Vedras (*Diário da República*, 2.ª série — N.º 95 — 19 de maio de 2014) refere como suas competências “a) Dirigir, coordenar e orientar a atividade das subunidades orgânicas e áreas da divisão” e “Gerir a rede de museus e centro de interpretação municipais”.

2.4. Breve caracterização do acervo do Museu

Tal como referido no Regulamento de Organização dos Serviços Municipais da Câmara Municipal de Torres Vedras, compete à Área de Museus “Fomentar o estudo, a preservação e a divulgação do património histórico do concelho, móvel e imóvel”, “Assegurar a preservação do património cultural — material e imaterial — da região, através da recolha, conservação, inventariação e investigação de bens culturais” e “Garantir um destino unitário ao conjunto de bens culturais à sua guarda e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objetivos científicos, educativos e lúdicos”.

O acervo do Museu Municipal Leonel Trindade é constituído por variadas colecções de natureza histórica e artística. O inventário é elaborado com recurso a um *software* informático de gestão de colecções museológicas desde 2000 (*In Patrimonium*), que permite também a gestão integrada da informação sobre todo o património cultural móvel e imóvel do concelho. Os materiais arqueológicos possuem um inventário sumário, em forma de registo. A situação difere no caso de algumas estações arqueológicas, que foram objecto de escavações científicas, onde o registo está mais completo. Todas as peças não arqueológicas estão registadas no Tombo do Museu. O acervo encontra-se parcialmente inventariado, sendo que os técnicos do Museu continuam a trabalhar no sentido de ter todos os objectos do seu acervo inventariados. Segundo dados de 2015, encontram-se inventariados 94% dos bens (Nº total de bens: 203378; Nº. de bens com inventário (sumário ou desenvolvido): 192064), incluindo bens arqueológicos, artísticos e históricos, bibliográficos e arquivísticos, técnico-científicos e industriais, e bens etnográficos.¹⁶

¹⁶ Fonte: IMUS - Inquérito aos Museus, Instituto Nacional de Estatística, 2015.

Existem diversas publicações relacionadas com algumas das colecções do Museu, como são exemplo as Cabeceiras de Sepultura ou as Lucernas Romanas, bem como alguns catálogos de exposição, nomeadamente o da exposição permanente “1807-18014 Guerras Peninsulares” e de duas exposições temporárias. Existem também variadas publicações, na sua maioria editadas pela Câmara Municipal, que abordam directamente temáticas relacionadas com as colecções do Museu, havendo um particular destaque para as relacionadas com as Guerras Peninsulares/Invasões Francesas/Linhas de Torres.¹⁷

No que diz respeito à Política de Incorporações do MMLT, nas *Normas Internas* verifica-se a existência de um ponto intitulado “Espólio”, que refere:

“6 – Para além das colecções já existentes, darão entrada no museu: a) espécies para esse fim adquiridas pela Câmara Municipal; b) obras legadas ou doadas; c) espécies depositadas, podendo os depositantes em qualquer altura levantar os objectos após comunicação por escrito e com a devida antecedência à Câmara Municipal; d) materiais provenientes de achados, escavações ou prospecções arqueológicas realizadas na região”

Do acervo do MMLT são de destacar as seguintes colecções:¹⁸

Paleontologia – registos fósseis da fauna e flora do território do concelho, anteriores à existência humana, com exemplares de importância científica, destacando-se um caso único no país, de um tronco de árvore fossilizado.

Arqueologia – considerada uma das colecções mais importantes do Museu, inclui peças de importância fundamental para o conhecimento da ocupação humana da região de Torres Vedras, desde a época Paleolítica até aos finais da Idade Média. Destacam-se os achados arqueológicos da Idade do Cobre, nomeadamente do Castro do Zambujal e do

¹⁷ Ver apêndice 3 – Listagem das publicações relacionadas com o acervo do museu.

¹⁸ Fontes: “Caracterização sumária das colecções” in *Museu Municipal Leonel Trindade - Candidatura à Rede Portuguesa de Museus*, 2000/2001; Sítio digital CMTV – <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/colecoes/>

Tholos de Paimogo, as peças de ourivesaria proto-históricas, a epigrafia e numismática romanas.

Epigrafia – uma das maiores e mais significativas colecções de cabeceiras de sepultura medievais existentes no país.

Pintura antiga (séculos XV-XVII) – também uma das mais importantes colecções, inclui diversos retábulos dos séculos XV a XVII, destacando-se o retábulo de influência flamenga da Igreja da Graça e o retábulo quinhentista, atribuído a Jorge Leal, da Igreja de Santa Maria.

Militaria – importante conjunto de peças relacionadas com a defesa das Linhas de Torres, durante as Invasões Francesas (século XIX), que constitui, também, um dos mais importantes e visitados núcleos expositivos.

Escultura Medieval – destacam-se os três brasões do município, a coluna do pelourinho e uma imagem de Santa Catarina.

Azulejaria – ampla colecção, originária de todo o concelho.

Cerâmica – centenas de exemplares de faianças, porcelanas portuguesas e estrangeiras e cerâmica comum, desde a pré-história à actualidade.

Arquitetura e escultura (séculos XVI - XVII)

Do acervo do Museu faz também parte uma pequena colecção de peças etnográficas, o foral atribuído a Torres Vedras por D. Manuel I, diversa documentação histórica, grandes colecções de pesos e medidas, de medalhística e de numismática nacional e estrangeira, para além de um largo número de peças que fazem parte da história local, por exemplo, a antiga chave do Castelo, o antigo tapete da Igreja de Santa Maria e pintura contemporânea.

No acervo do Museu encontra-se em depósito a colecção de brinquedos de Octávio Neves. Uma parte desta está actualmente em exposição no Atelier dos

Brinquedos, equipamento afecto à Câmara Municipal de Torres Vedras, inaugurado em 2015, cuja gestão não está afectada ao MMLT.

Destaca-se a existência de um Fundo de Vestuário, um recurso museográfico constituído predominantemente por réplicas de peças de vestuário e adereços do século XIX e relacionados com o período da Guerra Peninsular e das Linhas de Torres. As peças são utilizadas frequentemente em recriações históricas pelo Museu e cedidas a outros municípios e/ou instituições quando solicitadas.

Parte do acervo do Museu Municipal é ainda o Arquivo Documental e Técnico da Casa Hipólito. É composto por documentos, plantas e desenhos que constituem a reconstituição da história do conhecimento e da actividade laboral daquela que foi a empresa mais empregadora do concelho nas décadas de 50 a 90 do século XX. Este arquivo encontra-se em fase de inventariação.

Nos últimos anos, investigações arqueológicas, recolhas sistemáticas e inúmeras doações, têm vindo a aumentar significativamente o espólio do Museu.

O MMLT procura que se realizem projectos de investigação sobre o seu acervo, relacionando-se essa investigação com a programação expositiva. Como exemplo destaca-se a inventariação e a investigação do acervo da Casa Hipólito que levou à concepção de uma exposição temporária, ou, mais recentemente, a investigação do acervo arqueológico que originou também a exposição temporária “Histórias do Zambujal: 50 anos do Instituto Arqueológico Alemão em Torres Vedras”, patente desde Maio de 2016.

3. Comunicação expositiva e mediação de património através do MMLT

3.1. Comunicação e mediação em contexto museal – enquadramento teórico

3.1.1. Comunicação

Na sua definição mais geral, a comunicação (C) é a acção de se veicular uma informação entre um ou vários emissores (E) e um ou vários receptores (R), por meio de um canal (segundo o modelo ECR de Lasswell, 1948). A intenção de comunicar consistirá assim em fazer circular uma mensagem ou uma informação a um público receptor.

“O termo possui duas acepções usuais, que encontramos em diferentes níveis nos museus, que variam se o fenómeno for recíproco ($E \leftrightarrow C \leftrightarrow R$) ou não ($E \rightarrow C \rightarrow R$). [...] No contexto dos museus, a comunicação aparece simultaneamente como a apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as colecções (catálogos, artigos, conferências, exposições) e como o acesso aos objetos que compõem as colecções (exposições de longa duração e informações associadas). Esta perspectiva vê a exposição não apenas como parte integrante do processo de pesquisa, mas, também, como elemento de um sistema de comunicação mais geral, compreendendo, por exemplo, as publicações científicas.” (Desvallées & Mairesse, 2013, p.35)

Neste sentido, será possível distinguir dois conceitos: comunicação expositiva e comunicação não-expositiva. A comunicação expositiva consistirá no acesso aos objectos que compõem as colecções, compreendendo as exposições de longa duração e informação associada. A função expositiva revela-se como um elemento essencial na comunicação do museu com o público, feita através das suas colecções. Na análise à exposição permanente incluem-se, entre outros aspectos, o discurso expositivo, as colecções na actual exposição, a transmissão da informação na exposição e as condições de montagem.

Já a comunicação não-expositiva consistirá na apresentação dos resultados da pesquisa efetuada sobre as colecções, através de catálogos, artigos, conferências e outros meios. Nesta área será importante partir, em primeiro lugar, da definição de público(s) do museu. A sua análise incluirá os estudos de público(s), as visitas, os serviços de acessibilidade, a atenção ao público, os serviços disponíveis através da internet, a programação de actividades. Outros aspectos relevantes na comunicação do museu serão ainda a imagem institucional, os meios de comunicação, o boletim informativo, a página web, entre outros.

Outro conceito relevante será o de difusão, consistindo no mecanismo de comunicação externa para difundir/divulgar os serviços do museu e atrair o público a que se destinam esses serviços.

De facto, a comunicação apresenta-se como algo fundamental no contexto do museu contemporâneo. Neste contexto, será relevante atentar e reflectir, numa primeira instância, um pouco mais no conceito de comunicação expositiva. Na verdade, todas as actividades do museu, desde a pesquisa à conservação, da educação à divulgação convergem no fórum público da exposição. As pessoas vão ao museu para ver exposições – sejam estas da colecção permanentemente exibida ou exposições temporárias. As exposições estão para o museu como uma peça de teatro está para o teatro ou como um filme está para o cinema. São o que estas instituições culturais apresentam ao(s) público(s) como sua principal atracção. (Lord & Piacente, 2014)

Para compreender a exposição do museu é necessário vê-la não apenas como sendo uma das funções centrais do museu, mas como um poderoso meio de comunicação com o(s) público(s) do museu.

Muitos profissionais de museu, especialmente os técnicos do departamento educativo, vêem as exposições do museu como um método de educação. Deste ponto de vista, as exposições serão bem-sucedidas se educarem o visitante sobre o seu tema. Certamente que as exposições de museu são educacionais, sendo útil considerar o valor educativo de cada exposição como um importante critério para o seu sucesso. A escola em particular conta com este aspecto da exposição do museu, mas também os que procuram uma aprendizagem ao longo da vida vão ao museu por essa razão.

Por outro lado, as motivações de muitos outros visitantes na decisão de despende um pouco do seu tempo de lazer, cada vez mais escasso, num museu serão mais diversas e difusas, com o “divertimento” a predominar sobre a “educação”. De facto, uma das razões apresentadas para não frequentarem museus, segundo questionários realizados a não-visitantes, é uma aversão a uma experiência educacional potencialmente desafiante e difícil. (Lord & Piacente, 2014)

No *Manual of Museum Exhibition*, Lord e Piacente, assumindo que as exposições do museu devem ser tanto educativas como aprazíveis, estabelecem como pode ser definido o seu propósito. Assim, o propósito de uma exposição no museu é transformar algum aspecto do interesse do visitante, atitudes ou valores afectivamente, devido à descoberta de algum nível de significado nos objectos expostos pelo visitante – uma descoberta que é estimulada e sustentada pela confiança do visitante na autenticidade perceptível desses objectos. A mudança de atitude, consciência ou valores sobre os objectos ou temas em exposição será o que as exposições de museus fazem melhor, uma vez que esclarecem, educam e entretêm. Mas o esclarecimento é ele mesmo a aprazível, por vezes desafiante, e muitas vezes cativante experiência transformadora que os visitantes procuram, e que as exposições do museu providenciam de forma única.

Entendendo a exposição desta forma, percebe-se que uma exposição não é essencialmente um problema de *design*, mas um desafio de planificação, para que se obtenha uma comunicação eficaz com diversos grupos de visitantes. Nesta sequência, apontam ainda três questões essenciais: que significados se pretende comunicar; para quem se pretende comunicar esses significados; quais são os meios mais apropriados para comunicar esses significados. (Lord & Piacente, 2014)

3.1.2. Mediação

Outro conceito que surge estreitamente ligado ao de comunicação é o de mediação, sendo igualmente importante reflectir sobre o mesmo.

“A mediação designa a acção de reconciliar ou colocar em acordo duas ou várias partes, isto é, no quadro museológico, o público do museu com aquilo que se lhe é dado a ver.” (Desvallées & Mairesse, 2013, p.52) No contexto museológico, o termo designa as intervenções realizadas com o fim de estabelecer pontos de contacto entre aquilo que é exposto e os significados que os objectos e/ou sítios podem transmitir, ou seja, o conhecimento. É uma estratégia de comunicação, com carácter educativo, que procura diversas estratégias em torno das colecções expostas, para fornecer aos visitantes os meios para melhor compreender certas dimensões das colecções e de partilhar as apropriações realizadas.

Neste contexto, será também relevante relacionar este conceito com o termo interpretação. De facto, a Lei-Quadro dos Museus Portugueses reporta-a como função museológica, associada à exposição, referindo que “a interpretação e a exposição constituem as formas de dar a conhecer os bens culturais incorporados ou depositados no museu de forma a propiciar o seu acesso pelo público” (Capítulo II, Secção VII, Artigo 39º). À semelhança da mediação, a interpretação presume que exista uma “distância a ser suplantada entre aquilo que é imediatamente percebido e as significações subjacentes dos fenómenos naturais, culturais e históricos” (Desvallées & Mairesse, 2013, p.53). A interpretação concretiza-se com as intervenções humanas e os suportes expositivos dos objectos exibidos que ajudam a desvendar os seus significados, orientando os visitantes na compreensão do que observam.

3.1.3. Museus e educação

Uma vez que se procurará no presente relatório considerar o serviço educativo do MMLT, será também relevante perceber a relação intrínseca entre os museus e o seu uso educacional.

De uma maneira geral, é possível definir a educação como a implementação dos meios necessários para a formação e o desenvolvimento de pessoas e das suas próprias capacidades. No contexto dos museus, a educação pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante. Apoia-se notoriamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento e a aprendizagem de novos saberes. (Desvallées & Mairesse, 2013, p.38)

A educação, num contexto mais especificamente museológico, está ligada à mobilização de saberes relacionados com o museu, visando o desenvolvimento e o florescimento dos indivíduos, principalmente por meio da integração desses saberes, bem como pelo desenvolvimento de novas sensibilidades e pela realização de novas experiências. (Desvallées & Mairesse, 2013, pp. 38-39)

Nas sete funções museológicas elencadas na Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Capítulo II, Secção I, Artigo 7º) insere-se, exactamente, a educação. Os artigos 42º e 43º da Secção VIII da mesma lei são exclusivamente dedicados à educação no museu e à colaboração com o sistema de ensino. É estabelecido que «O museu

desenvolve de forma sistemática programas de mediação cultural e actividades educativas que contribuam para o acesso ao património cultural e às manifestações culturais.» Deverá também estabelecer uma colaboração e articulação institucional com o sistema de ensino.

Hoje, os museus não são apenas instituições que conservam e expõem colecções, mas espaços de comunicação, de aprendizagem, que assumem de facto um papel significativo na sociedade.

Neste contexto, em *The Engaging Museum: developing museums for visitor involvement* Graham Black atenta exactamente sobre esta temática, nomeadamente sobre o papel que deve ter o museu. Assim, argumenta que o museu deverá providenciar uma experiência educativa única aos alunos e inspirá-los através do contacto directo com colecções notáveis. Deverá ajudar as crianças e os jovens a sentirem-se em casa nos museus e a compreender o seu valor, sendo esta uma importante parte do processo de desenvolvimento da próxima geração de usuários do museu. Deverá procurar aproximar-se de um dos segmentos-chave do mercado, providenciando uma aula diferente fora da sala de aula. Poderá ainda utilizar os alunos para publicitarem o museu junto de familiares e amigos. Refere também a importância de receber no museu o público escolar durante os dias da semana, tradicionalmente dias em que os visitantes adultos estarão a trabalhar e o museu estará praticamente vazio.

Do ponto de vista do professor, a decisão de fazer uma visita ao museu tem-se tornado cada vez mais focada nos planos curriculares. As metas do museu em relação às visitas escolares só serão atingidas e sustentáveis a longo prazo se o museu providenciar o que as escolas procuram, justificando assim o esforço e despesa do professor de sair da sala de aula. O que as escolas não querem é a recriação de um ambiente da sala de aula no museu, pois saem da escola para se afastarem desse ambiente. O desafio é exactamente criar o ambiente de aprendizagem certo e construir um trabalho de projecto relevante nas exposições, materiais de suporte, entre outros aspectos. Longe estão os dias em que o curador desenvolve uma nova exposição e quando concluída passa a responsabilidade aos serviços educativos para tentarem

desenvolver formas eficazes de transmiti-la aos públicos escolares. As novas exposições devem envolver uma parceria entre quem as desenvolve e o departamento educativo. (Black, 2005)

Na verdade, os museus são cada vez mais reconhecidos como recursos educacionais importantes, apesar de não serem ainda vistos pelos professores como membros igualitários da comunidade educacional. Deste modo, os museus continuarão dependentes da decisão das escolas de visitarem o museu e a prioridade será o museu fazer um esforço sustentado para encorajar e apoiar o seu uso por parte da escola. A melhor forma de visitar o museu será envolver directamente os alunos através da participação, da descoberta e da estimulação da sua curiosidade natural. Contudo, em muitos casos, a visita guiada do grupo, apesar de reconhecida como passiva, permanece como a abordagem mais apropriada – maximizando números e providenciando um conhecimento mais formal. (Black, 2005)

Enquanto a visita guiada a grupos escolares é ainda realizada, há agora a ideia generalizada que as crianças aprendem melhor em museus através de trabalhos de projecto cuidadosamente planificados e baseados na investigação. A pressão do horário escolar faz com que um programa de visitas se torne mais raro, sendo a norma uma única visita, assim o desenvolvimento de recursos materiais que assegurem actividades de qualidade pré e pós visita tem-se tornado essencial.

Black aponta ainda quatro dos aspectos mais importantes para uma boa visita, que deve procurar auxiliar o conhecimento: uma planificação cuidada, envolvendo tanto o museu como a escola; uma preparação prévia dos alunos e uma relação próxima entre a visita e o plano curricular da turma; um percurso focado envolvendo os alunos num conjunto estruturado de actividades no museu; uma sessão de acompanhamento na sala de aula que se estende sobre a visita.

A aprendizagem no museu, uma aprendizagem não formal, é inevitavelmente diferente da que se realiza na escola. Pela situação em si, uma vez que sai da rotina (fora da tradicional sala de aula), pelas características do espaço que é visitado, pelas temáticas abordadas e também pelo tipo de comunicação que se estabelece.

Actualmente verifica-se uma procura de novos desafios, quer no museu quer na escola, de forma a estimular na sociedade contemporânea uma constante curiosidade pelo que não se conhece, transformando assim o conhecimento num processo aberto.

A experiência vivida no museu deve procurar privilegiar formas de aprendizagem que valorizam a investigação-acção, numa postura activa e participada. É um local que permite ao visitante pensar, questionar, interpretar. A experiência do museu deverá ser significativa e complementar ao que se aprende na escola.

Pelo objectivo educativo e de transmissão de conhecimentos, que tanto a escola como o museu compartilham, é cada vez mais importante que o museu contemporâneo procure abrir canais de comunicação com as escolas, através de interacções mais próximas e dinâmicas.

3.1.4. Públicos

Uma das tendências mais significativas nas últimas décadas na teoria e na prática museológica, a nível internacional, tem sido a orientação para os visitantes, para as pessoas.

Essa crescente importância dada ao público está claramente explícita nas várias definições actuais de museu. Segundo a definição de 2007 do ICOM “o museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público, que adquire, conserva, estuda, expõe e transmite o património material e imaterial da humanidade e do seu meio, com fins de estudo, educação e deleite”. De destacar as referências ao museu a serviço da sociedade, enquanto instituição aberta ao público que expõe e transmite, com fins de educação. Já a definição apresentada em 1998 pela Museums Association de Inglaterra refere que “os museus permitem às pessoas explorar colecções para se inspirarem, para aprenderem e para se divertirem. São instituições que colecionam, salvaguardam e tornam acessíveis objectos e espécimes, que gerem pela sociedade.” É claro o destaque dado às pessoas e que os museus existem para elas e por elas. Também a Lei-Quadro dos Museus Portugueses (Capítulo I, Artigo 3º) define que «o museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de uma estrutura organizacional que lhe permite: a) Garantir um destino unitário a um

conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos». São notórias as semelhanças entre esta definição e a do ICOM, sendo importante destacar a referência ao museu com objectivos educativos e lúdicos.

Ao público, ou seja, ao conjunto de usuários do museu, aos diferentes tipos ou grupos de público(s), tem vindo a ser prestada uma especial atenção por parte do museu, havendo uma crescente tomada de consciência das necessidades e anseios dos visitantes.

Segundo Graham Black, o desafio central do museu do século XXI consiste em dois aspectos essenciais. Primeiro, entender as motivações, expectativas e necessidades do público existente, procurando construir uma relação duradoura e estável com este. Segundo, desenvolver e preservar novos públicos. (Black 2005, p.7)

Concluindo, durante grande parte do século XX, o papel principal do museu era recolher objectos, classificá-los, documentá-los e conservá-los, colocá-los em exposição. O museu era amplamente reconhecido como uma importante instituição pública, mesmo por aqueles que apenas podiam sonhar em visitá-lo. Hoje, os museus devem justificar a sua existência de forma mais eficaz, devem gerar muito mais do seu rendimento, devem alargar o seu público, devem reflectir as suas comunidades e devem desenvolver o seu papel de instituições de conhecimento.

Um dos papéis mais importantes dos museus no século XXI é procurar formas contemporâneas para envolver os públicos com as suas colecções. De facto, a qualidade da experiência na visita ao museu irá influenciar se o visitante voltará ou se irá recomendar a visita a outros.

3.2. Enquadramento da comunicação expositiva do MMLT: exposições permanentes e temporárias

Na verdade o MMLT não tem um documento que defina a sua Política de Exposição. Estruturalmente, a Exposição Permanente é definida como uma área de actuação do Museu, tendo como atribuições específicas “Estudar e aplicar novos métodos e técnicas de exposição; Proceder à actualização da exposição permanente, de acordo com a aquisição de novas espécies e dados científicos; Zelar pela manutenção e bom funcionamento da exposição” (Normas Internas, 1992).

Actualmente, o MMLT apresenta duas tipologias de exposição – permanente e temporárias. Também não possui um programa e/ou política de exposições temporárias. Contudo, é possível constatar que, nos últimos anos, tem sido inaugurada pelo menos uma exposição temporária por ano, facto que na realidade não sucedeu no ano de 2015, tendo estado patentes três exposições temporárias (abordadas seguidamente no ponto 3.2.2.). Normalmente, não é o pessoal técnico que trabalha diariamente no Museu que define quais as exposições temporárias que estarão patentes, mas sim a tutela (nomeadamente o vereador e o chefe de divisão). Nas exposições temporárias do último ano os técnicos do museu não estiveram responsáveis pela concepção dos conteúdos, existindo normalmente uma cooperação com outras instituições ou investigadores (Arquivo Municipal, Instituto Arqueológico Alemão, investigadores voluntários de colecções do museu, por exemplo). Os técnicos do museu ficam normalmente encarregues da coordenação. A única exposição temporária que contou com a participação de todos os técnicos do museu foi realizada em 2008/2009, intitulado-se “Um pouco mais de azul, um pouco mais de vento”.

Será importante referir neste ponto o Plano de Requalificação do MMLT que está previsto ser implementado no final de 2017. Neste plano estarão envolvidos todos os técnicos do MMLT e englobará a recolocação/transferência das reservas, recolocação do centro de documentação e da sala de SE, reformulação de todo o espaço expositivo e da exposição permanente, entre vários outros aspectos. O projecto de arquitectura deste plano estará entregue ao gabinete de projectos da CMTV.

Certamente, será esta a altura ideal para definir um Programa de Exposição, tendo este como objectivo expor os critérios que regerão aquele que é o principal meio de comunicação dos conteúdos do museu, a exposição permanente, e estabelecer termos em que se irá produzir a relação entre as colecções, o edifício e os visitantes do museu.

A exposição é o meio de comunicação mais directo e imediato entre o museu e o seu público e afecta todas as funções do museu e todos os seus departamentos. Por essa razão, deverá estabelecer-se uma complexa rede de relações entre o Programa de Exposição e os restantes programas (institucional, de colecções, arquitectónico, difusão e comunicação, segurança, recursos humanos e económico). (Gómez, Peraile & Lacasta, 2006, p.146)

Igualmente importante, e particularmente relevante de referir no contexto deste relatório, é o estabelecimento de um Programa de Comunicação/Difusão. Este estabelecerá os canais de comunicação entre o museu e a sociedade e traçará as necessidades da instituição neste aspecto, definindo todos as questões relacionadas com o(s) público(s), a comunicação e a programação de actividades.

Pela sua particular importância, uma vez que consistem num meio de completar e enriquecer a exposição permanente, de difundir colecções não expostas ou de experimentar novos conceitos museológicos e/ou museográficos, uma política de exposições temporárias deverá definir diversos aspectos, nomeadamente, acordos de colaboração com outras instituições, critérios que devem reger o empréstimo de colecções do museu com destino a exposições temporárias, entre outros. (Gómez, et al., 2006, pp.148-149).

3.2.1. Exposição permanente¹⁹

A exposição permanente “1807-1814 - Guerra Peninsular”²⁰ foi inaugurada em 2009 no âmbito das Comemorações do Bicentenário das Linhas de Torres Vedras (1810-2010) e contava inicialmente com três núcleos expositivos: núcleo 1 – Não passarão! A

¹⁹ Ver Anexo 6 – Exposição permanente – registo fotográfico

²⁰ (1807-1814 – Guerra Peninsular – Exposição, Museu Municipal Leonel Trindade, 2010)

importância das Linhas de Torres Vedras na defesa de Lisboa; núcleo 2 – Invasões francesas: memórias e relatos; núcleo 3 – De Ciudad Rodrigo a Torres Vedras: uma viagem pelas gravuras da época. Actualmente, permanece em exposição um desses núcleos.

O núcleo expositivo permanente intitulado “Não passarão! A importância das Linhas de Torres Vedras na defesa de Lisboa” pretende proporcionar um novo olhar sobre as Linhas de Torres Vedras, privilegiando a abordagem estratégica subjacente ao sistema defensivo, desde o conceito, técnica, construção e eficácia para o impedimento do avanço francês em direcção à capital. Destacam-se aspectos habitualmente menos tratados, mas relevantes para a percepção da importância das Linhas de Torres em toda a sua complexidade. É abordado o papel do comissariado do exército na mobilização dos recursos, subjacente à construção das Linhas, assim como os impactos sofridos pelas populações da região. É dado relevo aos sistemas ópticos utilizados como meios privilegiados de transmissão de mensagens nas Linhas. É também feita referência à reorganização do exército português no período da Guerra Peninsular, dedicando especial atenção ao quotidiano da vida militar.

Outro núcleo expositivo do Museu Municipal, e igualmente parte integrante da exposição permanente, intitula-se “Pintura dos Primitivos Portugueses”²¹. Nele expõem-se um conjunto de pinturas datadas do século XVI de grande valor. É de destacar o retábulo de cinco pinturas a óleo sobre tábuas de carvalho, provenientes da Igreja de Santa Maria do Castelo, representando a *Anunciação*, *Visitação*, *Adoração dos Reis Magos*, *Adoração dos Pastores* e *Assunção* (depósito da Paróquia de Santa Maria do Castelo) e um outro retábulo de seis pinturas a óleo sobre tábuas de carvalho, que terá ocupado o altar-mor do primeiro Convento da Graça, representando o *Encontro junto à porta Dourada*, *Apresentação da Virgem*, *Anunciação*, *Visitação*, *Natividade*, *Adoração dos Pastores* (depósito da Paróquia de S. Pedro e Santiago).

Expõem-se três pinturas a óleo sobre tábuas de carvalho, de proveniência exacta desconhecida, representando *Cristo a Caminho do Calvário*, *Deposição* e *Ressurreição*

²¹ Fonte: sítio CMTV - <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/exposicoes/>

(depósito da Paróquia de Santa Maria do Castelo); quatro pinturas a óleo sobre tábuas de carvalho, representando *S. Lourenço, S. Sebastião, S. Pedro e S. Paulo*, provenientes da capela de N^a Sr^a do Ameal (depósito da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras).

No mesmo núcleo expositivo permanente estão também em exibição um conjunto de cabeceiras de sepultura medievais, representativas de antigas profissões, elementos arquitectónicos Manuelinos e da Renascença e um conjunto de azulejaria do século XVII.

Uma análise mais detalhada da comunicação expositiva permanente será realizada no ponto 3.5.

3.2.2. Exposições temporárias²²

A exposição temporária “Torres Vedras no caminho de Ceuta. 600 anos - Do Conselho Régio de Torres Vedras... à conquista de Ceuta (1414-1415)”²³, inaugurada em Maio de 2015 e patente até Março de 2016, pretendeu comemorar os 600 anos da realização do Conselho Régio em Torres Vedras (reunião decisiva na preparação da expedição a Ceuta, associando Torres Vedras o seu nome ao início da Expansão Portuguesa.).

O percurso expositivo começa por apresentar a figura de D. João I, referindo-se o seu casamento com D. Filipa de Lencastre, e procura abordar este período da história (séculos XIV/XV), particularmente na região de Torres Vedras – a vila e o termo, a administração municipal, as gentes, as profissões/ofícios, a comunidade judaica que existia na época, o carácter marcadamente rural, o espaço urbano e o paço régio. Depois desta contextualização, são abordados vários aspectos relacionados directamente com o Concelho Régio, o local onde se reuniu D. João I e os seus conselheiros, quem esteve presente na reunião, quando e como se realizou. Referencia-se os cronistas de D. João I, nomeadamente Gomes Eanes de Zurara, que relatou a realização do Concelho. Já na

²² Ver Anexo 7 – Exposições temporárias – registo fotográfico

²³ Fonte: sítio CMTV - <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/exposicoes/>

parte final, são abordados os preparativos da expedição a Ceuta, a frota e a conquista da cidade. Um aspecto interpretativo interessante é o facto de desafiar-se o visitante a perceber como o espião enviado pelo Rei com a missão de descobrir como era a cidade do Magreb explicou a configuração do território, com recurso a uma caixa de areia, cordel, uma escudela e favas. O percurso expositivo termina com uma cronologia com todas as datas relevantes para a conquista (de 1409 a Agosto de 1415).

É também de destacar a utilização de gravuras de época para sustentar o explicado nos textos da exposição. Para além dos conteúdos dos painéis expositivos são também expostas algumas peças da época, provenientes do acervo do museu: um marco de delimitação de propriedade régia, uma cruz de pedra, quatro cabeceiras de sepultura, duas colunas que terão pertencido ao paço régio (já inexistente), uma série de objectos do quotidiano (cerâmica, moedas) e de cariz militar (ponta de seta, cota de malha), e ainda pedras de arremesso (de catapulta medieval).

Outra exposição inaugurada também em Maio de 2015 esteve patente até Março de 2016, e intitulou-se “Sarmento Rodrigues - Viagem ao Oriente Português”²⁴. Pretendeu evocar a figura do Ministro do Ultramar, que realiza em 1952, a viagem para o “fortalecimento da ideia de unidade de nação pluricontinental portuguesa.” Nesse sentido, a exposição é constituída por peças que foram ofertadas ao Ministro do Ultramar durante o seu périplo pela Índia Portuguesa, Timor e Macau, que espelham o mote da variedade e variação cultural do oriente português (peças cedidas por empréstimo pelo Museu Nacional de Etnologia e uma peça cedida pelo Museu de Marinha). É esse o ponto de partida para recordar uma outra viagem ao Oriente retratada nos azulejos setecentistas do Claustro do Convento da Graça – a viagem de Frei Aleixo de Meneses em 1595, após a sua nomeação para Arcebispo de Goa.

Assim, numa das paredes da sala de exposição, em larga escala, é apresentado um mapa-mundo onde são assinaladas duas viagens, realizadas com um intervalo de cerca de 400 anos, por dois homens no desempenho de cargos diferentes – Frei Aleixo de Menezes, Arcebispo de Goa, e Sarmento Rodrigues, Ministro do Ultramar – que

²⁴ *Sarmento Rodrigues: Viagem ao Oriente Português*, 2015.

parecem convergir numa missão que será a de manter a influência portuguesa no Oriente. No percurso expositivo é ainda abordado o contexto geopolítico (1945 a 1952) e são apresentadas as biografias de Frei Aleixo de Menezes e Sarmento Rodrigues.

A última exposição temporária do ano de 2015 intitulou-se “Memórias da Casa Hipólito”²⁵, integrada nas Jornadas Europeias do Património 2015²⁶, esteve patente de Setembro de 2015 até ao final do mesmo ano. Deu a conhecer um conjunto de objectos, fotografias e documentos que recordam o que foi a Casa Hipólito, uma unidade fabril, que marcou todo o século XX de Torres Vedras. É primeiramente apresentada a figura de António Hipólito, o seu fundador. Passando seguidamente à informação sobre a história desta fábrica e os vários períodos que passou – teve origem na pequena oficina de latoaria de António Hipólito e ao longo do século cresceu, passou por uma fase de esplendor, entrou em decadência e acabou por extinguir-se em 1999. Chegou a empregar milhares trabalhadores, e apresenta-se como a empresa se foi tornando cada vez mais próspera e, a pouco a pouco, afirmou-se no mercado nacional e, a partir da Segunda Guerra Mundial, saiu para o mercado externo com um significativo volume de exportações. Especializou-se em equipamentos de adega e maquinaria ligeira para a lavoura vitivinícola – o grande sector produtivo do concelho torriense – e em material de queima como fogareiros a petróleo e, mais tarde, candeeiros portáteis “Petromax” e aparelhos de gás, expondo-se alguns destes objectos.

A exposição foi desenvolvida com recurso ao Fundo Casa Hipólito que, por iniciativa da Câmara Municipal de Torres Vedras, foi incorporado pelo Museu Municipal Leonel Trindade.

²⁵ Fonte: sítio CMTV <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/exposicoes/>

²⁶ Recorde-se que em 2015, em Portugal, sob coordenação da DGPC, foi decidido subordinar a comemoração ao património industrial e técnico, acompanhando outros países em que também se celebrou 2015 como Ano Europeu do Património Industrial e Técnico.

3.3. Públicos do MMLT

O controlo de visitantes inicia-se com a aquisição de um bilhete de ingresso²⁷, emitido pelo funcionário da receção, através de um *software* informático (*Bilheteira Online*). Este *software* permite fazer a gestão contabilística dos bilhetes vendidos, mas também de produtos e/ou publicações adquiridas na loja.

Aquando da entrega do bilhete ao visitante é-lhe perguntado qual o concelho, no caso de um visitante nacional, ou qual o país de residência, no caso de um visitante estrangeiro. Quando o visitante inicia o percurso expositivo, o funcionário da receção regista então a sua proveniência, inserindo-o também, estatisticamente, numa das faixas etárias previamente estabelecidas (12 ou <; 13-17; 18-39; 40-64; 65 ou >), registo este que é realizado por observação do funcionário. Estes dados são registados numa folha impressa que apresenta uma tabela com os diversos campos que devem ser preenchidos. Existem três folhas distintas de registo: uma para registar os visitantes das exposições temporárias e permanentes, outra para os que pretendem apenas visitar a exposição permanente e uma última para fazer o registo dos utentes (indicando o serviço que procuram).

Todos os dados são mais tarde transferidos para uma base de dados informatizada, consistindo esta num conjunto de folhas de cálculo do programa do *Windows Microsoft Office Excel* (de concepção própria). Neste, a cada folha de cálculo corresponde um mês, sendo que no final do ano é elaborada uma folha anual, sendo estas depois arquivadas.

As categorias estatísticas definidas pelo Museu dividem-se em três:

- Visitantes – visitantes dos espaços expositivos do Museu e visitantes do património histórico-cultural do concelho (quando em visita organizada pelo Museu);
- Utes – utilizadores da biblioteca e centro de documentação; investigadores a realizar trabalhos de investigação; informações diversas/compras;

²⁷ Ver Anexo 8 – Ingressos/Preços MMLT

- Participantes – número de frequentadores do equipamento museal, que não são necessariamente visitantes da exposição, ou seja, público que participa em acções específicas do museu (frequentemente denominados eventos).

Será importante considerar em seguida os dados estatísticos que são recolhidos pelo MMLT:

- Visitas ao espaço expositivo do MMLT – entradas pagas (bilhete normal, bilhete estudante, bilhete família, bilhete sénior, bilhete visita guiada grupo, bilhete visita guiada grupo escolar); entradas gratuitas (domingo e feriado municipal, outros grupos);
- Visitas guiadas ao património do concelho (inclui visitas de 1 dia ou ½ dia aos Fortes das Linhas de Torres, Castelo, Castro do Zambujal e Centro Histórico)
- Identificação dos visitantes – visitantes estrangeiros (registo do país e/ou continente de proveniência) e visitantes nacionais (concelho de Torres Vedras, concelhos limítrofes, outros), faixas etárias;
- Estatística da Rota Histórica das Linhas de Torres – Iniciada em 2015, consiste no registo dos visitantes da exposição permanente “1807-1814 – Guerra Peninsular” e de visitas ao território sobre a temática das Linhas de Torres, nomeadamente os Fortes. Os mesmos dados são recolhidos pelos seis municípios que integram a RHLT e fornecidos mensalmente ao município de Sobral de Monte Agraço, responsável no presente ano de reunir os dados totais.

É de referir que o registo de visitantes, efectuado na recepção do Museu, não inclui os utilizadores associados ao Programa Pedagógico/Serviço Educativo. No que respeita aos dados do Programa pedagógico/serviço Educativo, o registo de visitas de grupos escolares ao Museu é feito pelos técnicos do SE, sendo registado o número de alunos e de acompanhantes, bem como a escola de origem. Esses dados são registados na denominada “Plataforma” (programa do *Windows Microsoft Office Excel*).

No final do ano lectivo, os dados relativos ao serviço educativo são recolhidos e analisados por uma socióloga da CMTV que elabora um relatório anual. Este relatório é apresentado no início de cada ano lectivo e inclui também a análise dos dados dos restantes dez serviços educativos afectos à CMTV.

No entanto, as visitas e/ou outras actividades de grupos não-escolares, clubes séniores, visitas que sejam marcadas por contacto telefónico ou *e-mail*, como não são registados na “Plataforma” não são tratados no relatório final anual. Contudo, o SE faz também a estatística das visitas/actividades realizadas com grupos não-escolares.

Com base nos dados estatísticos do MMLT referentes aos anos de 2014 e 2015²⁸, apresentam-se em seguida algumas conclusões, para perceber melhor qual o público que frequenta o Museu Municipal.

Visitantes, Participantes e Utentes do MMLT:

- De 2014 para 2015, ligeiro aumento do total de visitantes do museu;
- Maior número de visitantes individuais do que visitas em grupo;
- Destaque para o número de participantes no Serviço Educativo, superior ao número de visitantes individuais e em grupo;
- De 2014 para 2015, mais do que triplicou o número de participantes em eventos do Museu.

Faixas etárias dos visitantes:

- Um terço dos visitantes tem uma idade superior a 65 anos. Possíveis razões: reformados com mais tempo livre para dedicar a outras actividades, como visita a museus; envelhecimento da população (mais idosos que jovens);
- As faixas etárias que menos visitam o museu são as crianças com 12 anos ou menos e os jovens dos 13 aos 17. Possíveis razões: não têm autonomia para se deslocar sozinhos ao museu, tendo sempre de ser acompanhados por adultos; como muitas das crianças e jovens do concelho já visitam o museu com as escolas (sendo estas as faixas etárias mais abrangidas pelo Serviço Educativo e não contabilizadas nestes dados estatísticos), talvez não procurem repetir a visita com familiares e/ou amigos.

Proveniência dos visitantes:

- No ano de 2015, registaram-se mais visitantes do concelho de Torres Vedras e de outros concelhos do país (verifica-se apenas uma diferença de 8 visitantes). Ao contrário

²⁸ Ver Apêndice 4 – Dados estatísticos do MMLT, anos de 2014 e 2015.

de 2014 que registou mais visitantes do concelho, seguindo-se os de concelhos limítrofes e depois os dos restantes concelhos do país.

- No que diz respeito aos visitantes estrangeiros, verifica-se um grande predomínio de visitantes de Inglaterra. Esta realidade estará relacionada com a temática da exposição permanente, as Linhas de Torres, episódio histórico no qual o país esteve também implicado.

No que diz respeito à divulgação dos dados estatísticos, estes são inseridos num relatório mensal e transmitidos à tutela (através de uma pasta partilhada internamente); são também referidos no Relatório Anual enviado para a Assembleia Municipal. A coordenação do Museu preenche também anualmente o Inquérito aos Museus do Instituto Nacional de Estatística, bem como o Inquérito às Galerias de Arte e Outros Espaços de Exposições Temporárias.

3.4. Serviço Educativo

“O Serviço Educativo do Museu Municipal Leonel Trindade tem como missão museológica a educação, desenvolvendo atividades lúdico-pedagógicas dirigidas a públicos diversos, nomeadamente escolar, adulto e famílias. Promove ainda visitas guiadas/orientadas ao museu e às suas exposições, bem como ao património arquitetónico da cidade de Torres Vedras e da área do Concelho.”²⁹

As *Normas Internas* do MMLT (em vigor desde 1992) compreendem como uma das áreas de actuação o “Serviço Educativo”. Contudo, será também importante referir uma outra área designada “Animação e extensão cultural”, uma vez que as suas atribuições específicas se relacionam bastante com o trabalho realizado pelos técnicos do serviço educativo actualmente, nomeadamente “realizar iniciativas educativas e culturais, de dinamização das relações do Museu com o público”, “realizar actividades lúdicas com objectivos educativos, especialmente dedicados ao público infantil e juvenil”, “promover e colaborar na realização de visitas guiadas a monumentos e sítios históricos da região”.

²⁹ Fonte: <http://www.educacaotorresvedras.com/servicos-educativos-e-pedagogicos/162-museu-municipal-leonel-trindade>

De facto, as atribuições específicas do serviço educativo parecem bastante direccionadas ao público escolar (“Realizar visitas guiadas à exposição permanente de grupos de alunos e professores”; “Colaborar com os estabelecimentos de ensino na sua actividade educativa incluindo o apoio à realização de trabalhos escolares”; “Criar e editar materiais didácticos de apoio à visita ao museu e aos programas de ensino em vigor”), contrastando com a missão do Serviço Educativo, redigida mais recentemente, e que claramente destina a sua actividade a vários tipos de público (nomeadamente escolar, adulto e famílias).

Apesar de previsto desde 1992 nas *Normas Internas*, o designado Serviço Educativo só começou a funcionar com uma equipa própria de técnicos desde 2008.

Actualmente, o SE do MMLT afirma que os seus objectivos consistem em:

- “● Dinamizar o museu, desenvolvendo programas educativos que tenham em conta o meio geográfico e sócio -cultural em que está inserido;
- Sensibilizar a comunidade local para as colecções;
- Facilitar a familiaridade com as peças das colecções, através de ações de natureza lúdico-pedagógica, contribuindo para que os cidadãos sejam protagonistas e não apenas recetores de informações para interpretar ou reconhecer;
- Criar o gosto pela frequência do museu, promovendo a aprendizagem ao longo da vida, fazendo uma ponte entre o passado e o presente.”³⁰

No que diz respeito à sua estrutura funcional, o SE do MMLT dispõe de dois técnicos (formação em Turismo e Educação Visual). Existe no edifício do Museu uma sala destinada exclusivamente à realização de actividades do SE, havendo também a possibilidade de usufruir da sala polivalente do Museu, se a actividade assim o justificar.

O âmbito de actuação do SE do MMLT vai para além das visitas e dinamização de actividades relacionadas com as exposições e/ou colecções do Museu. Tal como é referido na sua missão promove também visitas/actividades ao património arquitetónico da cidade de Torres Vedras e da área do Concelho. Na prática e no presente ano, para além das actividades promovidas no espaço do Museu, realiza visitas

³⁰ Fonte: <http://www.educacaotorresvedras.com/servicos-educativos-e-pedagogicos>
Estes objectivos não estão elencados nas *Normas Internas*, mas integrarão possivelmente o novo regulamento, em desenvolvimento.

ao centro histórico da cidade, ao castelo, à Azenha de Santa Cruz, aos fortes das Linhas de Torres, entre outros.

O SE do MMLT disponibiliza o seu Programa Pedagógico, no início de cada ano lectivo, no sítio do Portal da Educação da CMTV. Este consiste na apresentação das visitas e/ou actividades que disponibiliza, apresentando uma breve descrição das mesmas e as faixas etárias a que se destinam.³¹

Neste Portal é possível consultar o conjunto das actividades disponibilizadas pelo serviço educativo do Museu, sendo também destinado à efectuação de inscrições (indicação da actividade pretendida, do número de inscritos, da existência de alunos com necessidades educativas especiais, da necessidade de transporte, assegurado gratuitamente pela CMTV).

No ano lectivo 2015/2016, o SE disponibiliza no Portal um conjunto de cerca de treze actividades relacionadas com a exposição permanente, as exposições temporárias, o património histórico do concelho, bem como alguns dias comemorativos (Dia Internacional dos Monumentos e Sítios, Dia Nacional dos Moinhos, entre outros).³²

De notar que o Portal será maioritariamente utilizado por docentes e educadores de instituições escolares do concelho, que terão conhecimento da existência do mesmo. Já outros grupos escolares fora do concelho, grupos não-escolares, entre outros, preferenciam o contacto telefónico ou o contacto electrónico para realizar a inscrição em visitas e/ou outras actividades.

Será importante referir que as visitas do público escolar do concelho ao Museu é assegurada, nomeadamente com a facilidade das escolas do centro da cidade se deslocarem até ao Museu (a pé) e as restantes escolas do concelho terem transporte gratuito assegurado pela Câmara Municipal.

³¹ Programa Pedagógico MMLT 2015/2016: <http://www.cm-tvedras.pt/programa-pedagogico/pesquisa/?s-faixa=&s-servico=4&s-q=>

³² Ver Anexo 10 - Actividades disponibilizadas pelo Serviço Educativo do MMLT no ano lectivo 2015/2016 e sua breve descrição.

As visitas guiadas e/ou actividades pedagógicas têm uma duração prevista de 90 minutos, sendo realizadas no período da manhã (10h às 11h30m) ou no período da tarde (14h às 15h30m).

Normalmente estas consistem, numa primeira parte, numa visita guiada à exposição permanente ou temporária (a duração desta dependerá de vários factores, nomeadamente a faixa etária/nível de ensino dos participantes e/ou da dimensão do grupo) e, numa segunda parte, numa actividade de cariz mais prático e dinâmico.

Como anteriormente referido, o serviço educativo desenvolve o seu trabalho não apenas junto do público escolar, mas também com o público sénior, pessoas com necessidades educativas especiais, famílias, entre outros.

No presente ano o MMLT está envolvido em dois projectos de continuidade com dois clubes seniores do concelho. Um deles consiste na leitura encenada do conto *Um País Silencioso* – uma vez por mês, os seniores deslocam-se até ao Museu para apresentar a encenação de um conto baseado no período histórico das Invasões Francesas e das Linhas de Torres a alunos do 1º ciclo. O segundo projecto está relacionado com a exposição temporária “Torres Vedras no caminho de Ceuta – 600 anos”. Durante cerca de dez encontros ao longo do ano lectivo, os participantes exploraram o contexto histórico-cultural deste período da História de Portugal, visitam outros espaços relacionados com o tema e realizam actividades de expressão plástica.

O SE promove também actividades para famílias. No presente ano, são realizadas no 1º Sábado de cada mês e consistem em duas oficinas diferentes que estão relacionadas com as temáticas das exposições patentes no museu – “O Museu com pinta!” (oficina de expressão plástica com a colaboração de uma artista plástica) e “O Museu conta a história com ciência!” (em colaboração com o sector da educação “Quero ser cientista”).

Outro aspecto que deve ser igualmente abordado é a questão da avaliação das visitas e/ou actividades. No final de cada visita é solicitado ao professor(a) e/ou educador(a) o preenchimento de uma ficha de avaliação da actividade.³³ Esta procura

³³ Anexo 11 - Ficha de avaliação da actividade.

avaliar o grau de satisfação em relação a vários parâmetros (por exemplo, tema adequado à faixa etária dos participantes, estrutura/metodologia da actividade, relacionamento do interveniente com os participantes, qualidade da informação apresentada, duração e materiais/recursos utilizados, espaço onde se realiza a actividade), sendo também possível indicar sugestões de melhoria, sugestões para novas actividades/temáticas, entre outros aspectos. Os dados obtidos são tratados e apresentados em dois relatórios anuais - o Relatório Anual dos Serviços Educativos da Câmara Municipal e o Relatório sobre o Inquérito Satisfação Serviços Educativos.

Apesar de muitos dos dados serem avaliados tendo em consideração a globalidade dos SE da CM e não cada um individualmente, será interessante atentar em algumas das conclusões dos referidos relatórios, alusivos ao ano lectivo 2014/2015:

- O MMLT contabilizou um total de 175 inscrições (sendo o terceiro SE com mais inscrições, no total de 10), divididas por 11 actividades; Sessões realizadas – 93 (sendo portanto uma taxa de concretização de 53%);

- Na generalidade, as actividades propostas pelos SE (e conseqüentemente também do SE do MMLT) encontram-se, essencialmente, vocacionadas para o 1º ciclo (49%) e pré-escolar (37%). O ensino secundário e o ensino especial têm expressão muito reduzida em comparação com os outros níveis de ensino.

- Número de participantes inscritos: 4318; número de participantes presentes: 2012. (Como anteriormente referido o SE do MMLT contabiliza um total de 4144 participantes, sendo que o número 2012 se refere apenas a participantes de estabelecimentos de ensino do concelho)

Contudo, e por indicação da tutela, a ficha de avaliação anteriormente referida só deverá ser preenchida em actividades de público escolar do concelho, excluindo desta forma outros públicos como famílias, sénior, entre outros. Esta realidade prende-se com o facto de só as avaliações das actividades de público escolar serem inseridas, tratadas e analisadas no Relatório Anual de Serviços Educativos da CMTV. Mas, face a esta situação, verifica-se uma preocupação dos técnicos do serviço educativo do MMLT em adoptar algum tipo avaliação a ser preenchida nas restantes visitas e/ou actividades,

bem como em recolher a opinião do público escolar (crianças e alunos) no final de cada visita.

Como foi apontado desde o início do estágio, pretendia-se que as funções por mim desempenhadas ao longo do estágio fossem realizadas maioritariamente na área funcional da comunicação. Essa intenção traduziu-se no acompanhamento mais de perto das actividades do Serviço Educativo do Museu e, conseqüentemente na integração da sua equipa, serviço directamente relacionado com a transmissão/comunicação dos conteúdos com os diversos públicos. Deste modo, pretende-se, em seguida, elaborar uma reflexão sobre o trabalho desempenhado durante o período de estágio na instituição.

O período inicial do estágio consistiu essencialmente na percepção daquilo que é o Museu. Conhecer as exposições patentes à data, as pessoas que nele laboram e as suas funções, os diferentes espaços do museu (das salas de exposições, às reservas e aos espaços de trabalho), os serviços prestados. Para além disso, foi um período para começar a reunir informações, nomeadamente sobre a sua história, o modelo de gestão, no fundo, os conhecimentos que seriam essenciais para o desenvolvimento do capítulo 2 do presente relatório.

Tendo em conta a área funcional da comunicação, este primeiro período destinou-se essencialmente ao acompanhamento de actividades do Serviço Educativo, nomeadamente as destinadas ao público escolar e a diferentes níveis de escolaridade (actividades já referidas no capítulo 3, como “A Mochila do Soldado”, “Pintura Primitiva Portuguesa”, “Moinhos e Moídos”, “Quero ser rei e governador”, “Centro Histórico e Castelo”).³⁴

Após a observação de diversas visitas do SE e a aquisição de conhecimentos sobre os temas das exposições surgiu a oportunidade e o interesse em dirigir algumas das visitas do SE de forma autónoma.

A primeira dessas visitas foi “A Mochila do Soldado”. O grupo era constituído por 19 crianças em idade pré-escolar (3 aos 5 anos). Como era procedimento habitual, a

³⁴ Ver Anexo 11 – Registo fotográfico de algumas visitas/actividades

actividade foi composta pela visita à exposição permanente, a demonstração da mochila do soldado e concluída com uma actividade prática. Na visita à exposição procurou-se focar maioritariamente nas imagens e nos objectos expostos, apresentando a temática de forma simples e o mais acessível possível, dedicando a esta visita cerca de 30 minutos, uma vez que o tempo de atenção desta faixa etária é reduzido. A segunda parte consistiu na demonstração daquilo que seria a mochila do soldado das invasões bem como o seu uniforme e armamento. Pretendeu-se que fosse uma parte mais dinâmica e interactiva, sendo as crianças convidadas a observar, experimentar e tocar nos objectos. Já na última parte, são convidados a colorir um desenho de um pequeno soldado, que levam consigo como recordação. Esta última actividade não se caracterizará certamente pela originalidade, mas será apenas um complemento, uma vez que as crianças apreciam a ideia de levar consigo uma recordação da visita. Sendo esta a primeira experiência pessoal, os principais desafios apresentados foram o controlo do tempo da actividade (10h às 11.30h), a necessidade de adaptar a linguagem e o vocabulário utilizado à faixa etária e uma maior atenção ao nível/quantidade de informação transmitida. Uma vez que o grupo tem idades compreendidas entre os 3 e os 5 anos, o nível de informação assimilado por uma criança de 3 anos é diferente de uma criança de 5, o que por vezes pode ser difícil de gerir. Como era a primeira vez, a visita foi acompanhada também pela técnica do serviço educativo que interviria caso fosse necessário. O grupo atento e bem comportado ajudou ao sucesso da actividade resultando numa avaliação geral bastante positiva (segundo a ficha de avaliação da actividade preenchida pela educadora no final). A condução autónoma desta actividade viria a ser repetida outras vezes durante o período de estágio.

Durante o estágio foi também possível conduzir de forma autónoma a visita/actividade à Azenha de Santa Cruz, de um grupo de catorze crianças do pré-escolar (3-5 anos). Devido às questões de transporte (Escola-Azenha-Escola) e a necessidade de cumprir o horário estipulado para a realização da actividade, um dos desafios apresentados foi o controlo do tempo da mesma, sendo que no final o horário previsto foi cumprido. Os conteúdos transmitidos consistiram no que é uma Azenha e como funciona, no conhecimento de diferentes cereais, perceber o ciclo do pão e na visita a uma antiga cozinha onde se cozia o pão. A visita conclui-se com a realização de uma

actividade mais prática na qual as crianças podem colorir um desenho da Azenha e colar cereais no saco de uma moleira. Apesar do conhecimento ter sido transmitido, foi necessário lidar com um aspecto menos positivo, uma vez que o engenho da Azenha não estava a funcionar não foi possível as crianças verem exactamente como funciona, sendo necessário arranjar uma estratégia diferente para explicar o seu funcionamento. Apesar deste aspecto e da inevitável agitação de algumas crianças, a avaliação geral da actividade foi boa.

O período de estágio e a integração na equipa do SE permitiu o contacto, não só com o público escolar, mas com diversos tipos de público. Na transmissão dos conteúdos do Museu aos diferentes públicos foi particularmente interessante o contacto com pessoas de mobilidade reduzida e com pessoas com deficiências cognitivas. Esse contacto traduziu-se na colaboração em diversas actividades. É exemplo a actividade intitulada “Torres Sensorial”, inserida na comemoração do segundo aniversário da abertura do Gabinete de Apoio à Deficiência Visual e da terceira Semana da Visão promovida pela Câmara Municipal. A actividade contou com a participação de 38 pessoas (utentes do Gabinete de Apoio à Deficiência Visual, técnicos da Câmara Municipal e alunos do Agrupamento de Escolas Henriques Nogueira) que percorreram o centro de Torres Vedras com os olhos vendados e a utilização de bengala, realizando actividades sensoriais em vários locais. É também exemplo a actividade inserida no âmbito do Dia Internacional da Pessoa com Deficiência organizada pelo Museu em colaboração com o Gabinete de Apoio à Deficiência Visual. Contou com a participação de vereadores e técnicos da Câmara Municipal, de utentes do gabinete de apoio e de utentes da instituição ADAPECI e consistiu num percurso pedestre pelo centro histórico da cidade de forma a experienciar as dificuldades e obstáculos que pessoas invisuais e com mobilidade reduzida têm ao caminhar pelas ruas da cidade. A actividade foi concluída com um pequeno debate e troca de ideias sobre a experiência.

Neste contexto é também de destacar a colaboração em outras duas actividades. A primeira, uma actividade de SE “Quero ser rei e governador” destinada a um grupo de dez pessoas portadoras de deficiência mental da instituição ADAPECI. Consistiu numa breve visita à exposição sobre o Conselho Régio e a Conquista de Ceuta, devidamente adaptada às limitações cognitivas do grupo, seguida de uma actividade prática, realizada

na sala de exposição, consistindo esta na elaboração de um D. João I ou de uma D. Filipa de Lencastre com materiais reutilizados. Uma outra actividade foi realizada também para um outro grupo da mesma instituição, desta vez na Azenha de Santa Cruz. À semelhança do que aconteceu na anterior, os conteúdos transmitidos e a forma como foram transmitidos foi adaptada ao desenvolvimento cognitivo dos participantes, procurando ser uma experiência mais sensorial, apelando aos sentidos (visão, tacto, olfacto). A visita foi concluída com uma actividade prática, consistindo na decoração de uma moldura com cereais.

Uma vez que o SE trabalha com o público sénior, foi também interessante acompanhar as diversas actividades que realizaram com alguns dos grupos seniores do concelho. Destaca-se o acompanhamento das visitas às exposições do Museu, nomeadamente à exposição permanente sobre as Guerras Peninsulares e as Linhas de Torres e a actividade a ela associada “A Mochila do Soldado”, bem como à exposição temporária sobre a temática do Concelho Régio e a Conquista de Ceuta. Para além da adaptação dos conteúdos transmitidos à faixa etária do grupo, as condições em que se realizaram a actividade tiveram por vezes de ser adaptadas. Com grupos com mobilidade reduzida, por exemplo, a actividade “A Mochila do Soldado”, normalmente realizada na sala de actividades do SE no 1º piso (acesso por escadas), foi transferida para a sala de exposição. Há também o cuidado de oferecer cadeiras aos participantes, sendo muitas vezes pessoas com dificuldade em permanecer de pé muito tempo.

Para além das visitas pontuais realizadas, destaca-se também a participação num projecto de continuidade com um dos clubes sénior do concelho (Santa Cruz) sobre a temática da exposição *Torres Vedras no Caminho de Ceuta*. Assim, uma vez por mês, o grupo reunia-se com os técnicos do serviço educativo para a realização de diversas actividades relacionadas com a temática. O projecto começou com a visita à exposição temporária e com o contacto com a temática que deu o mote ao projecto. Um outro momento deste projecto foi a visita ao *World of Discoveries*, no Porto, bem com à exposição temporária “Ceuta Ontem. Ceuta Hoje. 600 anos de encontro de culturas entre Atlântico e Mediterrâneo”, patente no Museu Interativo (onde se expunha uma maquete da cidade e a “Crónica da Tomada de Ceuta” de Gomes Eanes de Zurara). Uma das actividades realizadas, de cariz mais prático, consistiu na pintura em pedaços de

tecido de elementos relacionados com a temática, com o que aprenderam e o que viram, com o objectivo de no final do projecto elaborar uma manta de retalhos que reflectisse todos os conhecimentos e momentos que marcaram a participação neste projecto.

Outra actividade de colaboração do SE com o público sénior intitulou-se “Um País Silencioso”, sendo realizada uma vez por mês. Esta era destinada aos alunos do 4º ano e consistia numa visita à exposição sobre as Guerras Peninsulares seguida da visualização da peça teatral realizada por um clube sénior do concelho (São Pedro da Cadeira). O acompanhamento desta actividade consistiu na assistência com as questões do guarda-roupa (disponibilizado pelo Fundo de Vestuário do Museu) e com o cenário no espaço onde se realizava a peça.

Num dos meses em que a actividade foi realizada foi solicitada uma participação mais directa, nomeadamente com a realização da visita guiada à exposição permanente a uma turma de 20 alunos do 4º ano de escolaridade e a introdução à representação teatral. Na visita foram utilizados recursos complementares como imagens em tamanho grande, complementares à informação veiculada na exposição e que permitem uma melhor compreensão, e também objectos (réplicas) como o chapéu do General Francês Massena e um monóculo para observação das mensagens transmitidas pelo sistema de comunicação. Os objectos permitiram uma maior interacção durante a visita e a ligação a personagens que seriam posteriormente representadas na peça. Para além disso, foi também possível a utilização do recurso interactivo existente na exposição, permitindo ouvir o barulho do carro de bois, observar o abate de árvores, a política da terra queimada e as lanchas canhoneiras. O grupo de alunos revelou-se bastante interessado, atento, tendo colocado questões de forma ordenada, o que ajudou ao sucesso da visita e da actividade, sendo obtida uma avaliação geral positiva.

Este tipo de interacção inter-geracional é algo bastante interessante e resulta numa interacção positiva para todos os intervenientes. Os mais velhos sentem-se valorizados e esforçam-se para que tudo corra como ensaiado, enquanto os mais novos assistem atentamente e com respeito à sua prestação.

Para além das actividades mais regulares destaca-se também a participação em actividades de dias comemorativos, nomeadamente o Dia Nacional dos Moinhos - visita com uma turma do 3º ano à Azenha de Santa Cruz e ao Moinho de Caixeiros – e a comemoração do Dia Internacional dos Monumentos e Sítios - passeio pedestre até ao Castro do Zambujal e breve visita do local com 380 alunos de vários níveis de ensino dos vários agrupamentos escolares do concelho.

Este período de estágio permitiu a aquisição de novos conhecimentos na área, mais concretamente com a participação em formações, reuniões e visitas a outros museus. Destaca-se a visita ao Museu Nacional do Azulejo com a técnica do SE do MMLT, que permitiu o acompanhamento de duas visitas do serviço educativo (do pré-escolar e 1º ciclo) com o objectivo de perceber qual a abordagem perante a temática do azulejo, com vista a desenvolver uma actividade de serviço educativo relacionada com a colecção de azulejaria do Museu no ano lectivo seguinte. Permitiu ainda a troca de impressões e experiências com os técnicos do Museu. Num outro momento foi realizada uma visita ao núcleo expositivo de Arqueologia do Penedo do Lexim, em Mafra, com o objectivo de perceber como é abordada a temática da Pré-história, uma vez que viria a ser uma temática trabalhada pelo SE do MMLT no ano lectivo 2016/2017.

Foi ainda oferecida a oportunidade de participação no *workshop* “Educação para o desenvolvimento”, promovido pela AID Global – Acção e integração para o Desenvolvimento Global (Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento) no âmbito do projecto “Educar para cooperar: a Rota Histórica das Linhas de Torres e a Cidadania Global”. Este pretende contribuir para que cidadãos de seis municípios compreendam as causas relacionadas com os problemas do desenvolvimento, a partir do património dos seus concelhos, com vista à promoção de uma cidadania global activa na construção de sociedades mais justas, equitativas e sustentáveis. No âmbito do mesmo projecto foi possível a participação numa série de Círculos de Aprendizagem. Neste contexto, destaca-se a solicitação por parte dos técnicos de SE do MMLT para que concebe-se uma apresentação *PowerPoint* sobre as actividades de serviço educativo relacionadas com as Linhas de Torres, para que estas pudessem ser divulgadas. Destes Círculos deveriam resultar várias maletas pedagógicas de suporte às visitas de estudo que ligassem temas do património da RHLT a temas de educação para o

desenvolvimento e de educação para a cidadania global. A concepção destas foi realizada em algumas reuniões do SE e contou com uma colaboração directa para o seu desenvolvimento e preenchimento dos planos de actividade pedagógica. Procurou-se, por exemplo, relacionar o tema da medicina e farmacêutica durante as Invasões Francesas com o tema de cidadania global - Saúde para todos – ou, com o objectivo de sensibilizar para a importância da paz, relacionar um dos objetivos de desenvolvimento sustentável (Paz, Justiça e Instituições Eficazes) com a temática da guerra e paz durante as Invasões. Esta tentativa de relação da história com questões da realidade actual, o incentivar à reflexão da relação entre passado e presente, através de actividades com conteúdo e que procurem ser dinâmicas, parece-me algo bastante original, que reflecte de facto um Museu que presta um serviço activo na transmissão do conhecimento e desempenha uma função de educador. Para além de promover o conhecimento e a reflexão pretende-se que essas actividades promovam também a acção, sugerindo-se no final uma proposta de acção que a turma deverá realizar conjuntamente.

Neste contexto de formação, de referir também a participação num encontro de técnicos de museus da Rede Portuguesa de Museus realizado no MMLT, que permitiu a troca de experiências sobre o trabalho dos serviços educativos nos diversos museus.

Já no final do período de estágio foi solicitada a colaboração para começar a definir as actividades oferecidas pelo SE para os diferentes públicos no ano de 2016/2017.

O último trabalho realizado no âmbito deste estágio consistiu na colaboração na participação do MMLT no festival Aproxima-te – Semana da Educação Patrimonial, de 19 a 22 de Maio de 2016 no Museu de História Natural e da Ciência. Este consistia numa mostra de projectos educativos, estando representadas entidades que trabalham na área pedagógica de Museus e outros Equipamentos Culturais, Companhias Artísticas, Editores Infanto-Juvenis, Empresas de Mediação Cultural, Promotores da Educação e da Cultura e Empresas de Actividades Extra-Curriculares.

Deste modo, a colaboração traduziu-se na preparação, com os técnicos do SE, de um espaço expositivo, sendo que o *stand* do MMLT incidiria sobre a temática das Linhas de Torres. Utilizando um conjunto de cubos de cartão, a ideia era conseguir transmitir

algum conhecimento de forma acessível e apelativa sobre a temática a quem não tinha visto a exposição do Museu e provavelmente não soubesse muito sobre o que aconteceu neste período da História. De forma captar a atenção do público, foram também expostos no *stand* réplicas de objectos de época (recursos museográficos interpretativos utilizados normalmente nas actividades do SE), nomeadamente barretinas, duas espingardas e um monóculo. Os visitantes eram convidados a experimentá-los e a registar o momento em fotografia. Procurou-se deste modo, educar para a temática apresentada e divulgar o Museu, a sua exposição e as suas actividades. Durante o festival pretendia-se que fossem oferecidas actividades para escolas e famílias, sendo que o MMLT apresentou a actividade “A Mochila do Soldado”.

3.5. Uma análise à comunicação expositiva permanente

Pretende-se em seguida, proceder a uma análise à comunicação expositiva da exposição permanente. Relembre-se que esta consiste em dois núcleos expositivos, o primeiro versa sobre a temática das Invasões Napoleónicas e das Linhas de Torres, sendo intitulado “Não passarão! A importância das Linhas de Torres Vedras na defesa de Lisboa” e o segundo intitulado “Pintura dos Primitivos Portugueses” onde, como já referido no ponto 3.2.1., se expõe para além de pintura antiga, azulejaria, escultura, cabeceiras de sepultura, etc. Para a identificação de parâmetros em que se baseou a realização desta análise recorreu-se essencialmente a duas publicações: o *Manual of Museum Exhibition* de Lord e Piacente e *Criterios para la elaboración del plan museológico* (nomeadamente os documentos de análise e avaliação – Exposição e Difusão e Comunicação)

A Exposição “Guerra Peninsular 1907-1814” foi inaugurada no âmbito das Comemorações do Bicentenário das Linhas de Torres pela Câmara Municipal.

A exposição, aquando da inauguração formada por três núcleos, remodelou a sala que reuniu anteriormente a colecção de peças relativa às Invasões Francesas, inaugurada em meados dos anos 1990, nas instalações do actual MMLT, e com o passar dos anos tinha ficado sensivelmente desatualizada do ponto de vista museográfico. A

nova exposição estendeu-se por outras salas do museu, com o propósito de tratar a temática sob uma nova perspectiva.

Um dos objectivos seria então a renovação da exposição permanente do museu, outro assinalar o acontecimento histórico, oferecendo ao visitante um produto cultural que (re)lembrasse o papel desempenhado pelas Linhas defensivas.

No catálogo *1807-1814 Guerra Peninsular – Exposição*, as responsáveis pela concepção da exposição mencionam exactamente qual o seu objectivo aquando da realização deste projecto.

“Um dos aspectos que ficou intrinsecamente ligado ao projecto museográfico desde o início foi a vontade de apresentar uma exposição com um discurso abrangente e divulgativo, que pudesse chegar a um número alargado de visitantes, tentando cativar tanto as pessoas que desconheciam completamente a temática das Linhas de Torres Vedras, como os visitantes que detinham algum conhecimento prévio.”

Discurso expositivo

Na antecâmara da sala de exposição, onde se apresenta o seu título “Não passarão! A importância das Linhas de Torres para a defesa de Lisboa” bem como uma breve introdução ao tema, recorre-se a uma tabela cronológica que apresenta os factos históricos relevantes ocorridos entre a Revolução Francesa e a morte de Napoleão, destacando-se especialmente os acontecimentos que tiveram lugar entre 1807 e 1814 em Portugal e na Europa. Aquando da inauguração da exposição, ouvia-se uma melodia de João Domingos Bomtempo, um importante compositor português do século XIX, ficando o visitante imbuído no espírito da época (actualmente já não se verifica este facto). Na sala que se segue aborda-se então a temática central, as Linhas de Torres, salientando a sua componente estratégica, o papel do Comissariado do Exército no sistema defensivo, o sistema de comunicações óptico, a reorganização do exército pelo marechal Beresford.

Expõe-se um carro de bois, exemplar da época, com destaque à sua utilização no serviço de abastecimento dos fortes. Encontra-se também exposta uma maquete do Forte de S. Vicente (parcial e não à escala), que inclui também uma recriação do sistema de balões (sistema de comunicações óptico utilizado na época).

É abordada a temática do armamento e dos uniformes militares, no contexto da reorganização do exército pelo marechal Beresford. Nesse sentido, expõem-se várias peças do espólio do museu – uma carabina, uma baioneta, uma pistola, pedreiras, balas de canhão, um saco de metralha e uma edição limitada dos soldados das invasões da Fábrica de Cerâmica de Sacavém.

Já no final deste percurso expositivo, em jeito de conclusão e para sistematização de conhecimentos, é apresentado um painel com os cinco pilares que levaram ao sucesso deste sistema defensivo e que foram cruciais para a expulsão do exército francês e para o fim da 3ª invasão napoleónica.

O acesso ao segundo núcleo expositivo da exposição permanente, “Pintura dos Primitivos Portugueses”, é feito através de uma passagem contígua ao primeiro núcleo. É de referir que apesar de se intitular dessa forma, nomeadamente na página do MMLT no sítio digital da CMTV, não existe na entrada neste núcleo qualquer referência ao título, nem introdução ao que o visitante irá visitar. Para além disso, como se irá constatar em seguida, este núcleo não engloba apenas pintura, mas também peças de outras colecções do Museu.

Assim, atentando do discurso expositivo deste núcleo, no primeiro espaço expõe-se, ao centro e junto a uma das paredes, um conjunto de painéis de azulejos provenientes de uma quinta do concelho. Numa outra parede expõe-se um retábulo de cinco pinturas a óleo sobre tábuas de carvalho, representando a *Anunciação*, *Visitação*, *Adoração dos Reis Magos*, *Adoração dos Pastores* e *Assunção* (século XVI, provenientes da Igreja de Santa Maria do Castelo, depósito da Paróquia de Santa Maria do Castelo). Numa parede da mesma sala, expõem-se quatro pinturas a óleo sobre tábuas de carvalho, representando *S. Lourenço*, *S. Sebastião*, *S. Pedro* e *S. Paulo* (provenientes da capela de Nª Srª do Ameal, depósito da Santa Casa da Misericórdia de Torres Vedras). Também nesta sala se encontram duas esculturas, *S. Gião* e *Santa Catarina* (Calcário, século XV/XVI).

A partir desta sala, surge o acesso a uma outra mais pequena, sendo que numa parede se apresenta um outro retábulo de seis pinturas a óleo sobre tábuas de carvalho, que terá ocupado o altar-mor do primeiro Convento da Graça, representando o

Encontro junto à porta Dourada, Apresentação da Virgem, Anunciação, Visitação, Natividade, Adoração dos Pastores (depósito da Paróquia de S. Pedro e Santiago). Na parede oposta surgem uma série de cabeceiras de sepultura medievais, expostas perante um espelho, de forma a ser visível a sua parte de trás (uma vez que seriam representadas as profissões nos dois lados da cabeceira) e ainda três pinturas a óleo sobre tábuas de carvalho, representando *Cristo a Caminho do Calvário, Deposição e Ressurreição* (proveniência exacta desconhecida, depósito da Paróquia de Santa Maria do Castelo).

Por fim, no mesmo núcleo apresentam-se ainda vários elementos arquitectónicos Manuelinos e da Renascença.

Transmissão da informação na exposição

- **Textos** (folhetos, painéis, folhas de sala, etc.)

1º Núcleo – Painéis expositivos, legendas dos objectos e iconografias, folhetos sobre a exposição e temática (disponíveis na entrada da sala de exposição)

Sobre esta questão, as curadoras da exposição referem, no catálogo, a preocupação em apresentar conceitos complexos, provenientes de conteúdos de investigação, de forma acessível. Desta forma, a transmissão da informação é feita através de textos sucintos, iconografia, peças, documentação seleccionada, recursos expositivos diversificados, maquetas, áudios, audiovisuais, equipamento multimédia e ilustrações (produzidas especificamente para a exposição).

2º Núcleo – Legendas de objectos

- **Elementos multimédia** (áudio-guias, audiovisuais, elementos interactivos, etc.)

1º Núcleo – Os recursos multimédia utilizados consistem numa mesa interactiva, desenvolvida para uma melhor compreensão do que representaram as Linhas e a sua eficácia estratégica. Permite aos visitantes explorar, ao seu ritmo, questões como as posições defensivas estratégicas, a evolução construtiva dos fortes, os obstáculos no terreno, o sistema de comunicações e a logística militar.

2º Núcleo – Inexistentes

- **Idiomas disponíveis**

1º Núcleo – Um aspecto que particularmente desperta alguma atenção é a questão dos idiomas em que os conteúdos são transmitidos, uma vez que os conteúdos

da exposição estão apenas em Português. Dado o carácter europeu do tema apresentado (uma vez que este período da História diz respeito não só a Portugal, mas também directamente a Inglaterra, aliada de Portugal durante o período da Guerra Peninsular, e a França, a nação invasora durante o mesmo período) seria bastante necessário a disponibilização dos conteúdos, pelo menos, em Inglês. Contudo, será de ressaltar que a mesa interativa, anteriormente referida, que explora alguns dos aspectos abordados durante o percurso expositivo pode ser consultada tanto em Língua Portuguesa como Inglesa. Numa conversa informal (durante o período de estágio) com uma das curadoras da exposição sobre este aspecto foi referido que a intenção era colocar a tradução em folhas de sala, estando o texto já traduzido. Seria apenas necessário o *design*, pelo gabinete de comunicação, sendo que até ao presente ano o mesmo não foi realizado e as folhas de sala não foram colocadas.

Em relação à **comunicação não expositiva**, será pertinente referir que a existência de dois folhetos informativo em Português - um sobre a exposição (ainda com a referência aos dois núcleos temporários existentes aquando das comemorações do bicentenário e que já não se encontram em exposição) e um mapa das Linhas defensivas. Em Inglês existem dois folhetos - *Along the Lines of Torres Vedras* e outro com um mapa das Linhas de Torres e algumas informações sobre a temática.

O catálogo da exposição está disponível para consulta no espaço da recepção/bilheteira, com os conteúdos disponíveis em Português e Inglês. Mais recursos bibliográficos sobre a temática estão também disponíveis no mesmo espaço, sendo possível adquirir alguns deles.

2º Núcleo – Legendas apresentadas unicamente em Português; inexistência de folhetos informativos.

Condições de montagem actual (vitrines, audiovisuais, maquetas, etc)

- Última remodelação museográfica e sua data: 1º Núcleo – 2009; 2º Núcleo – anos 1990.
- Vitrinas, mesa interativa, maqueta.

A qualidade/modernidade da museografia dos dois núcleos integrantes da exposição permanente é claramente distinta. O núcleo 1 destaca-se positivamente, quer pelo discurso expositivo, pela transmissão da informação ou pelo *design* museográfico.

E, se tivermos também em conta as últimas exposições temporárias, a diferença para com o núcleo 2 torna-se ainda mais evidente.

Funcionamento e acessibilidade

- Salas encerradas - não existem.
- Adaptação do percurso e/ou conteúdo para pessoas deficientes

O MMLT figurou recentemente (2015) no *Directório sobre Acessibilidade em Espaços Culturais e Artísticos do Distrito de Lisboa* elaborado pela Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência. Aí é referido que a área expositiva é parcialmente acessível, uma vez que as soleiras das portas entre os diferentes espaços apresentam uma altura superior a 2 cm. Quanto à acessibilidade da informação é referido que os painéis e folhetos são de leitura fácil. Quanto à programação específica para público com deficiência é mencionado que as actividades programadas para públicos com necessidades especiais são adaptadas conforme a deficiência (aos visitantes com deficiência visual ou baixa visão é apresentada a exposição e após faz-se a exploração de peças, normalmente réplicas, pelo tacto; aos visitantes com mobilidade reduzida as actividades previstas para o 1º piso são transferidas para o piso térreo; para públicos provenientes de CERCIS as actividades passam pela exploração da exposição, com mais ênfase em uma ou duas peças e após na componente prática opta-se pela modelagem, pintura, texturas, etc.)

O acesso ao museu por pessoas em cadeira de rodas tem de ser feito por uma porta lateral do edifício, a única com rampa. O acesso às duas exposições temporárias no piso térreo está adaptado para pessoas com mobilidade reduzida. O acesso ao piso superior, nomeadamente à sala onde se realizam exposições temporárias e/ou outros eventos é impeditivo, uma vez que o acesso só é possível através de alguns laces de escadas.

Difusão e comunicação

- Definição do público-alvo

A vocação e função comunicadora são consideradas fundamentais no contexto do museu contemporâneo. Por essa razão, mais do que expor objectos e informação, é essencial que o museu saiba para quem está a comunicar, é essencial que defina os seus

públicos. Só depois dessa avaliação/definição poderá avaliar os seus serviços e as suas actividades. Neste sentido é bastante importante a realização de estudos de público, que englobarão não só a análise de quem visita o museu e da evolução do público nos últimos anos, mas também os não-públicos, nomeadamente perceber as razões que os levam a não visitar o museu.

- Principais conclusões – Algumas conclusões foram já apresentadas no ponto 3.3., nomeadamente uma breve análise dos dados dos dois últimos anos. Contudo, seria essencial a realização de um Estudo de Públicos completo.

Gestão de visitas

- Solicitação prévia

É possível a consulta das actividades disponibilizadas pelo serviço educativo do museu no Portal da Educação da CMTV. As inscrições nas actividades, em particular de estabelecimentos de ensino do concelho, deverão ser efectuadas nesse portal. Poderá ser também ser indicada a de necessidade de transporte (assegurado pela CMTV, não havendo qualquer custo associado à visita ao museu) O museu tem posteriormente acesso às inscrições solicitadas e consoante a disponibilidade envia uma resposta, confirmando a realização de determinada visita ou actividade. É também possível a solicitação de visitas através de contacto telefónico ou electrónico (para e-mail do museu ou do serviço educativo).

- Visita de grupos – maioritariamente grupos escolares, registando-se também várias visitas de outros grupos organizados.

- Guias – 2 técnicos do serviço educativo; 1 técnico do museu (que quando necessário realiza visitas guiadas). Possibilidade das visitas guiadas ao património edificado solicitadas ao museu poderem ser realizadas por um técnico do turismo (ou vice-versa). Possibilidade do guia ser o curador da exposição. Exemplo da exposição temporária “Memórias da Casa Hipólito” em que as visitas guiadas foram asseguradas pelo curador da mesma.

Visitantes da exposição permanente/temporárias – Uma análise foi já realizada no ponto 3.3., sublinhando-se apenas alguns aspectos: de 2014 para 2015, ligeiro aumento

do total de visitantes do museu; destaque para o número de participantes no Serviço Educativo, superior ao número de visitantes individuais e em grupo; um terço dos visitantes tem uma idade superior a 65 anos; no ano de 2015, registaram-se mais visitantes do concelho de Torres Vedras e de outros concelhos do país (verifica-se apenas uma diferença de 8 visitantes); no que diz respeito aos visitantes estrangeiros, verifica-se um grande predomínio de visitantes de Inglaterra.

Usuários do centro de documentação: Número – 27 utentes (2015)

Usuários da sala de investigação e arquivo: Número - 19 utentes (2015)

Usuários de outros serviços: Informações diversas/compras – 115 utentes (2015)

Serviços

Acessibilidade

- Indicadores urbanos – sinalização de indicação de acesso ao museu presente nas principais vias da cidade.

- Estacionamento para turismo e autocarros – não existente; espaço de largada de passageiros a 50 metros do museu.

(Lugares reservados para deficientes) – não existente.

- Sinalização interna - circulação do público e identificação de acesso a áreas distintas.

- Instalações adequadas para visitas por pessoas de mobilidade condicionada (circulação, barreiras arquitectónicas, casas de banho, cadeiras de rodas) – acesso com rampa por uma porta lateral do edifício, a visita às exposições é possível apenas no piso térreo (exposições com rampas de acesso); acesso ao piso superior (sala multiusos, exposições temporárias, sala serviço educativo) só é possível através de escadas não havendo elevador no edifício; inexistência de WC adaptados a deficientes motores.

- Instalações e equipamentos adequados para a visita de crianças (carrinhos de criança, muda fraldas no WC, berçário, etc.) – equipamentos não existentes.

Atenção ao público

- Bilheteira – disponível (para além dos ingressos para o museu, funciona também como ponto de venda de bilhetes para outros espectáculos, exposições, entre outros).

- Guarda-roupa – não disponível.

- Ponto de informação (informação disponível, publicações, visitas guiadas, áudio-guia, idiomas) – informações facultadas na recepção do museu; inexistência de áudio-guias.

- Atenção telefónica – disponível.
- WC público – disponível.
- Loja/livraria – a loja consiste apenas numa vitrina; tipo de produtos: pequenos soldados das invasões em feltro, embalagens com bolachas e biscoitos, marcadores de livros, placas de xisto feitas à mão; conjunto de produtos não será muito apelativo, havendo a intenção de melhorar e diversificar o *merchandising* do museu, nomeadamente incluindo produtos relacionados com os azulejos e as Linhas de Torres; na livraria (duas prateleiras) são disponibilizadas publicações relacionadas com os conteúdos expositivos, com a história do concelho e região e catálogos de exposição.
- Cafetaria/restaurante – não existente.
- Outros serviços: telefone público – não existente; máquinas de venda automática – não existentes; caixa de multibanco – não existente; reproduções e fotografias – não existente; aluguer de espaços – o museu disponibiliza o aluguer de espaços, nomeadamente do Claustro do Convento da Graça, utilizado frequentemente para a realização de diversos eventos; disponibiliza também uma sala multiusos situada no piso superior do edifício.

Serviços disponíveis através da internet

- Visita virtual – não disponível.
- Informação de conteúdos descarregáveis – não disponível.

Outros espaços públicos

- Centro de documentação – o CDMMLT é um centro de documentação especializado que faz parte integrante do MMLT; a sua missão é:

“Assegurar e prestar apoio informativo estruturado, na área da memória local aos projectos promovidos pelo MMLT, aos projectos promovidos pelo Município de Torres Vedras, a investigadores e ao público em geral. Tornar acessível de forma rigorosa e sistemática os fundos à sua guarda. Preservar e promover o valor patrimonial do acervo à sua guarda.”³⁵

- Arquivo – integrado no CDMMLT.
- Sala de investigação – disponível; sala de reuniões – disponível.

³⁵ Fonte: sítio digital CMTV - <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/centro-de-documentacao/>

Programação de actividades

Descrição geral

- Actividades realizadas nos últimos anos (conferências, ateliers, exposições, cursos, publicações, etc.)

- O Museu conta a história com ciência! / O museu conta a história com pinta! – actividades para famílias; 2º sábado de cada mês; cada actividade sobre uma exposição/temática diferente;

- Sopas de Pedra – organizado em parceria com o Arquivo Municipal, conta já com 10 edições); ciclo de 3 jantares e 3 conferências realizados no museu, em três 6ª feiras consecutivas, em que o jantar é uma sopa forte e a conferência versa sobre uma temática (monumento em pedra);

- Chás de Pedra – conferências acompanhadas por uma chávena de chá, realizadas na Azenha de Santa Cruz, nos meses de Verão;

- Concelho Régio de D. João I – recriação que teve a sua 3ª edição em 2016, inclui também uma ceia medieval, realizada no Palácio dos Alcaides;

- Jantares com História (4ª edição) – jantares temáticos com visita ou conferência;

- Festival Novas Invasões (1ª edição em 2015);

- Celebração de dias comemorativos – Dia Internacional dos Monumentos e Sítios; Dia Internacional das Pessoas com Deficiência; Dia Nacional dos Moinhos; Dia Nacional dos Castelos; Jornadas Europeias do Património; Noite Europeia dos Museus; Dia Internacional dos Museus.

Exposições temporárias

- Últimas exposições realizadas:

2016 - Histórias do Zambujal: 50 anos do Instituto Arqueológico Alemão em Torres Vedras

2015 – Torres Vedras no Caminho de Ceuta – 600 anos do Concelho Régio

2015 – Sarmiento Rodrigues – Viagem ao Oriente Português

2015 – Memórias da Casa Hipólito

Outubro 2012/Setembro 2014 – Dinossauros que viveram na nossa Terra

2011 – 8 séculos de história – o Convento da Graça e a ordem dos eremitas de Santo Agostinho

2009/2011 – Exposição Bicentenário

2008/2009 – Um pouco mais de azul, um pouco mais de vento

2008 – Vaso campaniforme

2006 – Vida, Guerra, Comércio

- Colaborações (peças emprestadas para exposições temporárias nos últimos anos, entidades com que colaborou) - colaboração com vários Museus, incluindo empréstimo de peças para exposições temporárias (Museu Nacional de Etnologia, Museu de Marinha, Museu de Arqueologia, entre outros); colaboração com outras entidades como o Instituto Arqueológico Alemão ou a Sociedade de História Natural de Torres Vedras.

Difusão

- Política de difusão nos meios de comunicação – divulgação de exposições e actividades tanto no jornal local como na Revista Municipal.

- Boletim informativo – não existente.

- Página web – o museu não possui uma página *web* autónoma, estando associado à página da Câmara Municipal; a gestão da página é feita pelo Gabinete de Comunicação da CMTV.

Informação disponível na página web: enquadramento (objectivos, serviços prestados, ingressos, horário de funcionamento, contactos), exposições, actividades, história, colecções, doações, centro de documentação.

- Outros – página de *Facebook* onde são divulgadas as exposições, actividades realizadas e outras informações relevantes.

Ao falar da comunicação será também relevante referir que em algumas situações o MMLT está directamente condicionado/dependente do Gabinete de Comunicação da Câmara Municipal, dado o modelo de gestão e a hierarquia de funções estabelecidas no quadro da administração local. Refiram-se como exemplos, a associação ao sítio digital da CMTV, não havendo uma página *web* autónoma, a administração da página na rede social *Facebook* que é gerida não só por técnicos do MMLT mas também do Gabinete de Comunicação, ou a mecanismos de comunicação

externa para difundir os serviços do museu (produção de cartazes para a divulgação de algum evento/actividade).

3.6. Mediação de património através do MMLT

O conceito de mediação, no contexto museológico, consiste nas intervenções realizadas com o fim de estabelecer pontos de contacto entre aquilo que é exposto e os significados que os objectos e/ou sítios podem transmitir, ou seja, o conhecimento. (Desvallées & Mairesse, 2013, p.52)

Nas competências definidas em Despacho da CMTV de 2014 para a Área de Museus (consequentemente também do próprio MMLT) é clara a responsabilidade atribuída ao Museu na mediação do património, competindo-lhe o “estudo, preservação e divulgação do património histórico do concelho”. Deverá ainda “organizar visitas guiadas ao património cultural da cidade e do concelho”, inserindo “as actividades do museu na comunidade”. Para além das referidas visitas deverá “dinamizar actividades educativas, através de programas dirigidos à comunidade, que promovam o conhecimento do espólio do MMLT e do património cultural do concelho.” Nessa sequência surge igualmente a missão do SE – “Promove ainda visitas guiadas/orientadas ao museu e às suas exposições, bem como ao património arquitetónico da cidade de Torres Vedras e da área do Concelho.” Também nas *Normas Internas* (1992) é referido nas competências da área de actuação Animação e extensão cultural o dever de “Promover e colaborar na realização de visitas guiadas a monumentos e sítios históricos da região.”

No âmbito desta temática será oportuno fazer referência ao tema do Dia Internacional dos Museus do ano de 2016, definido pelo ICOM – Museus e Paisagens Culturais.

Refletindo um pouco sobre esta temática será relevante, em primeiro lugar, tentar perceber o que se entende por “paisagens culturais”. Em 1992, a *World Heritage Convention*, UNESCO, tornou-se no primeiro instrumento convencional internacional a reconhecer e proteger paisagens culturais. O comité definiu que paisagens culturais representam “os trabalhos combinados da natureza e do homem”, como é designado

no Artigo 1º da Convenção. São ilustrativas da evolução da sociedade e da sua fixação ao longo dos tempos, sob a influência dos constrangimentos físicos e/ou oportunidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, tanto externas como internas. O termo “paisagem cultural” envolve uma diversidade de manifestações da interacção entre a humanidade e o seu ambiente natural. As paisagens culturais refletem muitas vezes técnicas específicas de uma utilização da terra sustentável, considerando as características e os limites do ambiente natural em que estão estabelecidas e uma relação espiritual específica com a natureza.

Segundo as directrizes da UNESCO, as paisagens culturais distinguem-se em três categoriais principais, enumeradas em seguida. A mais facilmente identificável é a paisagem claramente definida, desenhada e criada intencionalmente pelo homem. Esta inclui paisagens de jardins e parques construídos por razões estéticas que são muitas vezes (mas não sempre) associadas a edifícios religiosos ou monumentais e conjuntos. A segunda categoria é a paisagem organicamente evoluída. Esta resulta de um imperativo social, económico, administrativo e/ou religioso inicial e tem desenvolvido a sua forma presente pela associação com e em resposta ao seu ambiente natural. Tais paisagens refletem o processo de evolução na sua forma e características componentes. A categoria final é a paisagem cultural associativa. A inclusão de tais paisagem na Lista de Património Mundial é justificada em virtude das poderosas associações religiosas, artísticas ou culturais do ambiente natural em vez de evidências materiais culturais, que podem ser insignificantes ou até inexistentes.

Percebendo este termo, coloca-se então a questão – qual a relação entre o museu e a paisagem cultural? Útil na procura de uma resposta a esta questão é o documento *The Siena Charter – Museums and Cultural Landscapes*, proposto pelo ICOM Itália na Conferência Internacional de Siena em 2014.

O documento argumenta que como indivíduos e como comunidade somos responsáveis pela paisagem. Uma responsabilidade que exige intervenções activas para a sua protecção, conservação e entendimento dentro de uma participação lógica e uma perspectiva de desenvolvimento sustentável. Os museus em conjunto com outras autoridades, associações e instituições, envolvidas na sua protecção e apreciação têm a

mesma responsabilidade. Desta forma, os museus devem associar-se aos seus territórios físicos e geográficos, adquirindo um carácter territorial. Constituem-se como depósitos de testemunhos tangíveis e intangíveis de um território mais ou menos vasto. Numa relação território-museu, estes devem ser responsáveis pela paisagem onde estão sediados e podem oferecer o seu conhecimento interno e competência, tomando um papel activo na protecção e apreciação da paisagem.

No que diz respeito à preservação e gestão da herança cultural é referido que está muitas vezes ameaçada devido a factores como um investimento financeiro desadequado, uma grande falta de recursos humanos, uma estrutura regulatória não adequadamente coordenada com o planeamento territorial e urbano ou recursos públicos reduzidos. Apesar de todas estas dificuldades, os museus podem ser uma força, funcionando como escritórios regionais para uma protecção activa da herança cultural. Na verdade, muitos museus estão já envolvidos nesta protecção: tomam conta do património dentro das suas paredes, organizam actividades, gerem palácios e igrejas, monumentos e sítios, participam na monitorização das suas condições, supervisionam trabalhos de restauro e organizam visitas e passeios, promovem conhecimento e comunicação, cuidam da educação da herança cultural e ambiental na área circundante. Envolver os museus na gestão e preservação da paisagem cultural significa desenvolver a sua vocação natural, estendendo a responsabilidade das suas colecções ao património cultural e área envolvente. (The Siena Charter – Museums and Cultural Landscapes, 2014)

A responsabilidade pela paisagem envolve a preservação e gestão do património num quadro de desenvolvimento sustentável do território, bem como a atenção às imagens e símbolos que identificam e caracterizam a paisagem em si mesma. Um museu responsável pela paisagem encarrega-se do centro de interpretação do património e território, promovendo o conhecimento e os seus símbolos, fazendo os locais e os visitantes conscientes dos seus valores e encorajando-os a preservar, promover e enriquecer.

A complexidade e extensão da tarefa reforça a necessidade dos museus partilharem a responsabilidade da paisagem, através de parcerias onde possam ser

protagonistas e actores em operações partilhadas com outros parceiros, quer públicos, quer privados (associações de património, autoridades de protecção local, instituições de defesa da paisagem, entidades económicas, por exemplo). Numa estrutura de uma missão redefinida e alargada, que inclui a paisagem nas actividades de pesquisa, conservação, documentação, exposição, comunicação e mediação.

A paisagem está naturalmente em constante evolução, de forma que não pode ser congelada ou reduzida a um objecto a ser preservado num museu. Então, proteger e preservar significa evitar qualquer transformação que possa apagar, arruinar, corromper as suas características identificáveis. (The Siena Charter – Museums and Cultural Landscapes, 2014)

Perante todas estas interessantes ideias sobre a temática, será relevante relacioná-las mais concretamente com a realidade do MMLT, nomeadamente na relação do Museu com uma das suas paisagens culturais. A paisagem cultural em questão está directamente relacionada com a temática da exposição permanente, abordada anteriormente neste capítulo, sobre as Guerras Peninsulares e as Linhas de Torres. A paisagem consiste num conjunto de fortificações localizadas em posições estratégicas, constituindo um sistema de defesa da capital contra as tropas francesas (reduto de Olheiros, forte de São Vicente, fortes do Grilo, do Passo, da Forca e Feteira, no concelho de Torres Vedras). A paisagem torna-se significativa pela sua associação a um evento histórico, compreendendo, deste modo, um conjunto de sítios históricos.

Claramente procurando a preservação e gestão do património, tomando responsabilidade pela paisagem, surge a criação da Rota Histórica das Linhas de Torres. Um projecto desenvolvido pela Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres, co-financiado pelo Mecanismo Financeiro do Espaço Económico Europeu, com acompanhamento técnico do IGESPAR e o apoio do Exército. Tem como objectivos centrais salvaguardar, recuperar e valorizar uma componente significativa do património arquitectónico militar integrante das Linhas de Torres Vedras, criando uma rota turística de excelência. Em articulação com outras valências patrimoniais, ambientais, gastronómicas, desportivas e museológicas.

Neste contexto, Florbela Estevão faz exactamente uma reflexão sobre as Linhas de Torres como paisagens culturais. Assim, caracteriza esta rota como “cerca de centena e meia de construções militares de diversos tipos, aproveitando (e mesclando-se, em perfeita simbiose) a morfologia do terreno”, constituindo-se como uma paisagem de “grande escala em simbiose perfeita e eficaz entre as características do terreno e características arquitectónicas, entre o “natural” e o “artificial”. Refere que “as “vistas” que deles se obtêm, vistas essas que integram necessariamente toda a diversidade de construções posteriores, próprias de paisagens contemporâneas que evidentemente estão vivas, em evolução” e também a importância do enquadramento que deve ser precedido à deslocação aos vários locais que constituem esta paisagem, que pode ser realizada principalmente pelos centros interpretativos, com o propósito de “entender um complexo descontínuo de fortificações na paisagem como um conjunto homogéneo, submetido a uma estratégia comum” para assim obter-se a ideia de uma “série de paisagens de carácter associativo, segundo o critério convencional da UNESCO”, sublinhando ainda que “cada forte das Linhas de Torres é, simultaneamente, um miradouro sobre o espaço (porque situado num ponto alto) e um ponto de reflexo sobre o tempo”. (Estevão, 2016, pp.9-12)

O MMLT está envolvido na gestão e preservação da paisagem cultural, contribuindo para a comunicação e mediação desta paisagem, nomeadamente com a transmissão do conhecimento durante as visitas à exposição permanente, bem como na oferta de visitas guiadas ao património das Linhas de Torres.

No âmbito da comunicação da paisagem, foi também desenvolvido pela CMTV um percurso pedestre - Grande Rota das Linhas de Torres – aliando a prática de exercício físico e a descoberta do património local e da paisagem.

Tal como a Carta de Siena refere, um museu responsável pela paisagem encarrega-se do centro de interpretação do património e território. Actualmente, a exposição permanente do museu tem exactamente essa função. Contudo, um centro de interpretação encontra-se a ser desenvolvido numa das fortificações das Linhas de Torres, o Forte de São Vicente.

A criação do Dia Nacional das Linhas de Torres a 17 de Outubro de 2014 pela Assembleia da República que deliberou instituir o dia 20 de Outubro como Dia Nacional das Linhas de Torres, numa homenagem à memória e resistência do povo português aliada à estratégia e engenharia militar, poderá certamente contribuir para a mediação e valorização deste património e paisagem. Um tributo ao espírito de sacrifício de todos aqueles que lutaram contra o invasor, quer integrando o exército aliado, quer construindo as fortificações ou abandonando as suas casas e destruindo os seus bens, privando o exército invasor de se alimentar no terreno.

Concluindo, as paisagens culturais providenciam um sentimento de lugar e identidade, traduzem a nossa relação com o território ao longo do tempo, são parte da nossa herança cultural. São sítios associados a um evento significativo, actividade, pessoa ou grupo de pessoas. As paisagens culturais são, de facto, um legado de toda uma comunidade. Sítios peculiares que revelam aspectos da origem de um país e do seu desenvolvimento, bem como as relações evolutivas com o mundo natural, podendo ajudar as comunidades a compreender-se melhor. Negligenciar estas paisagens e o seu desenvolvimento inapropriado pode por em risco um legado paisagístico insubstituível. O cuidado e a interpretação constantes contribuem para um sentimento de lugar e identidade para gerações futuras. (*What are cultural landscapes*, 2016)

4 – Conclusão

Em primeiro lugar, procurei que o conteúdo deste relatório de estágio contemplasse aquilo que está definido no Regulamento interno para a componente não-lectiva de Estágio com relatório, da FCSH-UNL. No entanto, reconhecendo a dificuldade na gestão de tempo e de recursos, assumo a possibilidade de haver temáticas que podiam ter sido mais reflectidas e desenvolvidas ou mais bibliografia e outras fontes que poderiam ter sido consultadas. Na verdade, factores como o tempo ou o limite do número de páginas condicionam por vezes o trabalho que é apresentado, tendo o índice sofrido algumas alterações durante o desenvolvimento do relatório.

Aproveito desde já estas reflexões finais para agradecer à entidade que, prontamente, aceitou o meu pedido de realização de estágio no MMLT, a Câmara Municipal de Torres Vedras. Agradecer também à Dra. Francisca Ramos, coordenadora da Área de Museus, que aceitou a orientação do estágio na instituição, a sua assistência e disponibilidade. Agradecer a vários dos técnicos do MMLT pelo acolhimento durante o período de estágio, em especial aos técnicos do SE, com os quais trabalhei mais frequentemente. Por fim, um último agradecimento à professora Graça Filipe por cordialmente ter aceitado a orientação do presente relatório, pelas sugestões, conselhos, revisões de texto e pela constante disponibilidade e incentivo.

A elaboração deste relatório foi possível com o cumprimento de um período de estágio onde se procurou o desempenho de funções de carácter profissional relevantes para a instituição. De facto, a realização deste estágio académico permitiu um contacto directo com o mundo dos museus e considero que foi bastante importante para completar a minha formação académica. A observação e participação *in situ* na actividade diária do MMLT, bem como a realização deste relatório de estágio, permitiu reflectir sobre diversos dos conhecimentos teóricos lecionados na parte curricular do mestrado, mais concretamente, sobre as temáticas de planificação, programação e gestão museológica, comunicação expositiva, mediação, educação e património.

A integração da equipa do Serviço educativo, e o conseqüente contacto com os públicos do MMLT através das visitas e actividades, reforçou o interesse pela área da comunicação em museus, património e cultura. Confirmou também o importante papel de mediação entre aquilo que o museu expõe e a transmissão de conhecimento aos públicos que o visitam.

Foi interessante observar que a actividade do MMLT não se encerra dentro das suas portas, sendo responsável e contribuindo activamente para a valorização, protecção, interpretação e comunicação do património histórico-cultural do concelho.

Pelo que observei e experienciei, ao nível do seu Serviço educativo, é um museu dinâmico, dispondo de uma grande variedade de visitas e actividades para o público escolar, que especialmente durante a semana traz vida ao MMLT. Mas também a sua ligação aos clubes sénior do concelho, a oferta de actividades às famílias, ao público com

dificuldades psicomotoras demonstram que pretendem integrar toda a comunidade e providenciar-lhes novos conhecimentos e experiências tanto sobre as colecções como sobre o património local.

Através da frequência com que procura realizar exposições temporárias, da relação que estabelece com outras entidades, da integração em vários projectos transparece a ideia de um museu que não se fecha em si próprio, mas que alarga os seus horizontes e busca melhorar e diversificar os seus serviços. A intenção de realizar uma requalificação do MMLT demonstra o interesse da tutela pela instituição e a vontade em melhorar as condições e a forma como são expostas as colecções e é transmitido o conhecimento ao público.

Concluindo, acredito que a realização de um estágio e respectivo relatório como parte da componente não-lectiva para obtenção deste grau académico é uma mais-valia para a formação académica do mestrando. A integração de estagiários em formação em instituições museais pode ser benéfica e de grande valor, tanto para os próprios que após adquirirem os conhecimentos teóricos têm oportunidade de colocá-los em prática, como para as instituições, uma vez que frequentemente têm de lidar com a falta de recursos humanos.

Fontes

- Centro de Documentação, MMLT.* (Maio de 2016). Obtido de Web site da Câmara Municipal de Torres Vedras: <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/centro-de-documentacao/>
- Cruz, M. L. (2015). *Programa pedagógico dos serviços educativos - relatório ano letivo 2014-2015.* Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Dados estatísticos do Museu Municipal Leonel Trindade. (2015). Torres Vedras.
- História do Museu, Museu Municipal.* (Novembro de 2015). Obtido de Web site da Câmara Municipal de Torres Vedras: <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/historia-do-museu/>
- História – Contextualização.* (2008). Obtido em Março de 2016 de Web Site Linhas de Torres Vedras: <http://www.linhasdetorresvedras.com/historia/>
- IMUS - Inquérito aos Museus - MMLT.* (2015). Instituto Nacional de Estatística.
- IMUUS - Inquérito às Galerias de Arte e Outros Espaços de Exposições Temporárias - MMLT.* (2015). Instituto Nacional de Estatística.
- Inquérito Satisfação Serviços Educativos Câmara Municipal Torres Vedras – Relatório.* (2015). Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Luna, I. d., & JR., L. T. (1992). *Museu Municipal de Torres Vedras – Projecto de reinstalação.* Sector da Cultura da Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Município de Torres Vedras, Despacho nº 6554/2014, *Regulamento de Organização dos Serviços Municipais da Câmara Municipal de Torres Vedras (ROSM), Diário da República, 2.ª série – N.º 95 – 19 de maio de 2014 (Artigos 53º, 56º e 91º).*
- Município de Torres Vedras, Despacho n.º 6554/2014, *Regulamento de Organização dos Serviços Municipais da Câmara Municipal de Torres Vedras (ROSM), Diário da República, 2.ª série — N.º 95 — 19 de maio de 2014.*
- Município de Torres Vedras - Grandes Opções do Plano.* (2015). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras. Obtido de <http://www.cm-tvedras.pt/assets/upload/documentos-gestao/2015/06/01/gop/gop.pdf>
- Município de Torres Vedras, Orçamento para o ano 2015 – Despesa.* (2015). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras. Obtido de <http://www.cm-tvedras.pt/assets/upload/documentos-gestao/2015/06/01/orcamento/orcamento.pdf>

- Museu Municipal - Exposições.* (s.d.). Obtido em Novembro de 2015, de Web site da Câmara Municipal de Torres Vedras: <http://www.cm-tvedras.pt/cultura/museu-municipal/exposicoes/>
- Museu Municipal de Torres Vedras - Normas internas.* (1992). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Museu Municipal Leonel Trindade.* (2016). Obtido em Novembro de 2015, de Web site da Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Museu Municipal Leonel Trindade - Candidatura à Rede Portuguesa de Museus. (2000/2001).
- Programa Pedagógico MMLT 2015/2016.* (Novembro de 2015). Obtido de Web site do Portal da Educação da CMTV: <http://www.cm-tvedras.pt/programa-pedagogico/pesquisa/?s-faixa=&s-servico=4&s-q=>
- Programação Serviço Educativo MMLT.* (2015/2016). Torres Vedras.
- Ramos, F. (2015). *Relatório Anual Museu Municipal Leonel Trindade.* Torres Vedras.
- Regulamento de inventário e cadastro do património municipal.* (2001). Câmara Municipal Torres Vedras. Obtido de <http://www.cm-tvedras.pt/assets/upload/regulamentos/2016/05/19/reg-invent-cadastro-do-patromonio-municipal/reg-invent-cadastro-do-patromonio-municipal.pdf>
- Regulamento do Museu Municipal de Torres Vedras.* (1929). Torres Vedras : Câmara Municipal Torres Vedras.
- Republicação do Regulamento do Plano Diretor Municipal de Torres Vedras, Diário da República, 2.ª série — N.º 15 — 22 de janeiro de 2014.*

Referências bibliográficas

- 1807-1814 Guerra Peninsular – Exposição, Museu Municipal Leonel Trindade.* (2010). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras.
- Black, G. (2005). *The Engaging Museum: developing museums for visitor involvement.* Psychology Press.
- Boylan, P. J. (2006). *Running a Museum.* ICOM.
- Boylan, P. J. (2006). *Running a Museum: A Practical Handbook.* ICOM.
- Calado, R. S. (1947). *Memórias de Um Ferro Velho.* Lisboa: Portugália.
- Carneiro, A. (1997). *Subsídios para a História do Museu Municipal de Torres Vedras (1929-1992) (Museologia e Arqueologia).* Lisboa: Universidade de Lisboa da Faculdade de Letras, Departamento de História.

- Cultural landscapes - World Heritage Convention*. (Novembro de 2015). Obtido de UNESCO: <http://whc.unesco.org/en/culturallandscape/#1>
- Cultural Landscapes*. (Novembro de 2015). Obtido de Web site do International Scientific Committee on Cultural Landscapes: <http://ip51.icomos.org/landscapes/index2engl.htm>
- Desvallées, A., & François Mairesse. (2013). *Conceitos-Chave de Museologia*. Armand Colin, ICOM.
- Directório sobre Acessibilidade em Espaços Culturais e Artísticos | Distrito de Lisboa*. (2015). Associação Nacional de Arte e Criatividade de e para Pessoas com Deficiência. Obtido de <http://www.cm-tvedras.pt/assets/upload/paginas/2016/01/27/directorio-lisboa/directorio-lisboa.pdf>
- Estevão, F. (Maio 2016) Linhas de Torres como Paisagens Culturais: Algumas Reflexões sobre um Projecto Contemporâneo de Patrimonialização. *Boletim ICOM Portugal, série III, n.º 6, Maio 2016*
- Gómez, M. C., Peraile, I. I., & Lacasta, A. A. (2006). *Criterios para la elaboración del plan museológico*. Madrid: Ministerio de Cultura.
- Guia da Rota Histórica das Linhas de Torres*. (2011). PILT-Plataforma Intermunicipal para as Linhas de Torres . Obtido de <http://en.calameo.com/read/000552822f0600a0e37e8>
- Hein, G. H. (2006). Museum Education . Em S. Macdonald, *A Companion to Museum Studies*,. Blackwell Publishing.
- Hooper-Greenhill, E. (2006). Studying Visitors. Em S. Macdonald, *A Companion to Museum Studies*. Blackwell Publishing.
- Júnior, L. T., & Luna, I. d. (1990). Museu Municipal de Torres Vedras – Cem mil anos de história, Sessenta anos de vida. *Torres Cultural nº3*, 38-42.
- Lei-Quadro dos Museus Portugueses, Lei nº 47/2004 de 19 de Agosto in Diário da República – I Série A, nº195, 19 de Agosto de 2004.
- Lord, B., & Piacente, M. (2014). *Manual of Museum Exhibition* . Lanham, Plymouth, Rowman & Littlefield.
- Luna, I. d. (2009). *Públicos do Museu Municipal Leonel Trindade: tratamento e análise de fontes administrativas*. ISCTE, Mestrado Museologia: conteúdos expositivos.
- Luna, I. d. (Maio de 2016). *Aurélio Ricardo Belo e a investigação arqueológica*. Obtido de Histórias de Torres Vedras: <https://historiasdetorresvedras.wordpress.com/2012/04/17/aurelio-ricardo-belo-e-a-investigacao-arqueologica/>

- Moreira, J. B. (1982). *Cabeceiras de Sepultura do Museu de Torres Vedras*. Torres Vedras.
- Museu, Definições*. (Maio 2016). Obtido de Web site do International Council of Museums Portugal:
http://icomportugal.org/documentos_def,129,161,lista.aspx
- Património Histórico*. (Março de 2016). Obtido de Web site da Câmara Municipal de Torres Vedras: <http://www.cm-tvedras.pt/turismo/visitar/patrimonio-historico/>
- Programa Comemorativo do Bicentenário das Linhas de Torres Vedras*. (2009). Torres Vedras.
- Protecting Cultural Landscapes: Planning, Treatment and management of Historic Landscapes*. (Novembro de 2015). Obtido de Technical Preservation Services :
<http://www.nps.gov/tps/how-to-preserve/briefs/36-cultural-landscapes.htm>
- Sarmento Rodrigues: Viagem ao Oriente Português*. (2015). Câmara Municipal de Torres Vedras: Museu Municipal Leonel Trindade.
- Sepúlveda, E. d., & Sousa, V. R. (2000). *Lucernas Romanas: catálogo*. Torres Vedras: Câmara Municipal Torres Vedras, Museu Municipal Leonel Trindade.
- Serviços Educativos e Pedagógicos- Museu Municipal Leonel Trindade*. (Novembro de 2015). Obtido de Web site do Portal da Educação da CMTV:
<http://www.educacaotorresvedras.com/servicos-educativos-e-pedagogicos/162-museu-municipal-leonel-trindade>
- The Siena Charter – Museums and Cultural Landscapes, International Conference of Siena*. (2014). ICOM.
- Torres Vedras – Passado e Presente (Vol. 1)*. (1996). Torres Vedras: Câmara Municipal de Torres Vedras.
- What are cultural landscapes*. (Janeiro de 2016). Obtido de Web site de The Cultural Landscape Foundation: <http://tclf.org/landscapes/what-are-cultural-landscapes>
- What is a museum?* (Maio 2016). Obtido de Web site de Museums Association:
<https://www.museumsassociation.org/about/frequently-asked-questions>